



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO
GROSSO**



CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO

CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**

OSVALDO COREZOMÁ MONZILAR

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM A ROÇA TRADICIONAL DO POVO
UMUTINA**

BARRA DO BUGRES – MT

2023

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE BARRA DO BUGRES
FACULDADE INDIGINA - FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
INTERCULTURAL INDÍGENA

OSVALDO COREZOMAE MONZILAR

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM A ROÇA TRADICIONAL DO POVO
UMUTINA

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Educação Intercultural Indígena para obtenção de Título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira.

BARRA DO BUGRES – MT

2023

Monzilar, Osvaldo Corezomaé

Práticas Pedagógicas com a roça tradicional do povo

Umutina/. Osvaldo Corezomaé Monzilar. Barra do Bugres, 2023.

72 p. l.

Dissertação de mestrado, Faculdade Intercultural Indígena, Universidade do Estado de Mato Grosso.

1. Roça. 2. Educação tradicional. 3. Educação escolar. Universidade do Estado de Mato Grosso. I. Título.

É concedida à Universidade do Estado de Mato Grosso permissão para reproduzir cópias deste trabalho e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósito academico e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta Dissertação de Mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM A ROÇA TRADICIONAL DO POVO

Folha de aprovação do Mestrado em Educação Intercultural Indígena.

___ de ____ de 2023

Banca examinadora

Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

Orientadora

Universidade do Estado de Mato Grosso

Genivaldo Scaramuzza

Banca Externa

Universidade Federal de Rondônia

Maria Helena Rodrigues Paes

Banca Interna

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Tangará da Serra)

Adailton da Silva

Banca Interna

Universidade do Estado de Mato Grosso

(UNEMAT/Barra do Bugres)

Barra do Bugres-MT

2023

Dedico este trabalho a todas as pessoas que direta e indiretamente contribuíram para minha formação profissional e que são todas valiosas para mim.

Para minha filha Genieli dos Reis Corezomaé, para meu irmão Marcio Monzilar Corezomaé, para minha mãe Carminda Monzilar e meu pai Marcondes Corezomaé (in – memória) pelo exemplo e sabedoria dos conhecimentos tradicionais e por ter esforçado para eu proporcionar o bem mais valioso que é o estudo.

Para todos os alunos da Escola Indígena Julà Paré. Principalmente aquelas que dedicaram integralmente para esse trabalho pudesse ser concluído.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a escola Indígena Julá Paré. Ao povo Umutina – Balatiponé pelo apoio e incentivo em todos os momentos que foi necessário.

A Universidade do Estado de Mato – Grosso (UNEMAT), a (FAIND) Faculdade indígena intercultural por acreditar que é possível uma ponte de conhecimentos entre os saberes realizando uma educação de qualidade respeitando as diversidades. A todos alunos e ex-alunos da escola Julá Paré, pois com eles aprendemos juntos a importância deste trabalho.

Aos professores, mestres e doutores, pela bondade e paciência de sanar minhas dificuldades durante o percurso desse trabalho. A minha coordenadora doutora Lisanil Pereira.

Por fim agradeço em especial minha filha que fez parte deste trabalho e os caros leitores. Em especial a Deus (Haypuku), por ter criado e posto em meu caminho todas essas pessoas maravilhosas citados à cima.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender cómo la construcción del corte y quema tradicional Umutina contribuye a la profundización del conocimiento indígena y el conocimiento milenario del pueblo Balatiponé-Umutina. Se trata de una investigación participativa ya que el trabajo se realiza en la escuela en la que trabajamos y desarrollamos la práctica docente e investigadora. Es una investigación que se justifica por la importancia que tiene para la comunidad el tradicional huerto de tocones del pueblo Balationé-Umutina y cómo la Escuela Estatal Indígena Julá Pará trabaja esta sabiduría en el Proyecto Político Pedagógico y en el aula. A lo largo de los años, el pueblo Umutina se ha enfrentado a varios procesos de educación colonial, desde su primer contacto con la sociedad circundante. Así, los resultados de este trabajo expresan: sabidurías, concepciones, prácticas y conocimientos tradicionales y filosóficos que se transmiten y que son enriquecidos por cada nueva generación de jóvenes estudiantes y la comunidad Umutina.

Palabras clave: Campo de cultivo. La educación tradicional...

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de compreender como a construção da roça tradicional Umutina contribui com o aprofundamento dos saberes indígena e os saberes milenares do povo Balatiponé-Umutina. Trata-se de uma pesquisa participante à medida que o trabalho acontece na escola em que atuamos e desenvolvemos a prática docente e da pesquisa. É uma pesquisa que se justifica pela importância que a roça de toco tradicional do povo Balationé-Umutina tem para a comunidade e como a Escola Estadual Indígena Julá Pará trabalha essa sabedoria no Projeto Político Pedagógico e em sala de aula. O povo Umutina ao longo dos anos enfrentou vários processos de educação colonial, desde o primeiro contato com a sociedade envolvente. Assim, os resultados deste trabalho expressa: sabedoria, concepções, práticas e conhecimento tradicional e filosófico próprios que são transmitidos e que vai enriquecendo a cada nova geração dos jovens estudantes e a comunidade Umutina.

Palavras-chave: Roça. Educação tradicional. Educação escolar.

LISTA DE FIGURAS

Fig: 01. Planatação de mandioca na aldeia Boropô	26
Fig: 02. Cacique da aldeia Katamã, observando a plantação.....	27
Fig: 03. Localização da área de estudo.....	29
Fig: 04. Alunos dançando antes da plantação para dar fartura.....	34
Fig: 05. Professores e alunos colhendo mandioca para fazer massa e farinha...	37
Fig: 06. Início da queimada da roça escolar.....	39
Fig: 07. Desenho representando a fase da Lua nova.....	42
Fig: 08. Desenho representando a fase da Lua crescente.....	43
Fig: 09. Desenho representando a fase da Lua cheia.....	44
Fig: 10. Desenho representando a fase da Lua minguante.....	45
Fig: 11. Crianças Umutina Balatiponé dançando no ritual da roça.....	51
Fig: 12. Alunos e professores fazendo a colheita de milho.....	54
Fig: 13. Alunos na cerimônia da roça.....	59
Fig: 14. A história da esteira.....	60
Fig: 15. Alunos e professores após a colheita.....	62
Fig: 16. Atividade: infiltração da água no solo.....	64
Fig: 17. Apresentação de experiência sobre a água.....	65
Fig: 18. Trabalhos feitos através de cartazes.....	66
Fig: 19. Alunos observando o Riozinho.....	67
Fig: 20 O Córrego Dezoito quase seco.....	68

Lista de abreviaturas e siglas

UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
PCN	Parametro Curriculares em Ação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
CNE	Conselho Nacional de Educação
SESAI	Secretria de Saúde Indígena
XOPÔ	Rio Bugres
BARIPÔ	Rio Paraguai
SPI	Serviço de Proteção aos Indios

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMEN	7
RESUMO.....	7
LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL	14
CAPÍTULO II – O TERRITÓRIO INDÍGENA UMUTINA: a roça e a produção da existência	24
CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA UMUTINA	30
CAPÍTULO IV: AS NARRATIVAS DO POVO BALATIPONÉ-UMUTINA SOBRE A ORIGEM DOS ALIMENTOS TRADICIONAIS	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	66
PRODUTO EDUCACIONAL.....	68

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da construção da roça tradicional Umutina com o objetivo de aprofundar sobre os saberes do povo indígena em questão e assim, compreender e registrar os conhecimentos milenares do povo Balatiponé-Umutina. Descrever o passo a passo na construção da roça tradicional. Há muito tempo nós do povo Umutina para nossa sobrevivência acumulamos modos próprios de produzir, armazenar nossos produtos, expressar, construir, avaliar e elaborar nossos conhecimentos e concepções sobre o mundo espiritual e sobrenatural. Os resultados são sabedorias e concepções, práticas e conhecimentos tradicionais e filosóficos próprios que vão sendo transmitidos e enriquecidos a cada nova geração de jovens estudantes bem como da comunidade Umutina.

A Escola Estadual Indígena Jula Paré conta com uma matriz curricular específica e diferenciada, com calendário próprio dentro da realidade sociocultural e econômica do povo. Mas, nem sempre é respeitado pelo sistema estadual de educação. No entanto, os alunos são incentivados a participar dos mutirões promovidos pela escola ou pela comunidade como: retirar o lixo do pátio da aldeia ou das margens dos rios, roçar estradas, plantar, e colher na roça comunitária. Além disso outras atividades culturais fazem parte do calendário escolar, tais como: rodas de história e cultura, bem como aula de campo dentro do Território Umutina que propiciam estudos teóricos e práticos dos conhecimentos tradicionais do povo. Assim como a roça de toco tradicional da escola, abrangendo uma totalidade de saberes que vai além de produzir alimentos tradicionais. Mas também visa instruir, aprender e repassar esses conhecimentos milenares que se agregam na construção de uma roça de toco. Visto que, o espaço de tempo que os filhos tinham para acompanhar os pais na roça foi apropriado pela educação escolar que os estudantes agora recebem.

O problema apresentado pela pesquisa foi a de responder se as atividades da roça contribuem com o fortalecimento e a valorização dos saberes tradicionais do povo Balatiponé-Umutina.

Para isso foram traçados caminhos metodológicos desenvolvidos por etapas, sendo que na primeira etapa da pesquisa realizamos o levantamento bibliográfico. Depois realizamos as atividades de campo que por tratar-se de uma pesquisa participante. Pois,

resido na comunidade em que o estudo foi realizado e também sou professor na escola em questão, configurando também como uma pesquisa-ação. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, utilizando-se de técnicas de coleta de dados como a observação da prática de produção da roça de toco. Bem como, entrevistas com moradores da comunidade. Na pesquisa participante os pesquisadores e pesquisados estão envolvidos nas ações. A pesquisa participante é entendida por Brandão (2001; 2005), como um processo de construção do conhecimento que tem como objetivo compreender, intervir e transformar a realidade. Processo cuja premissa central é que todo ser humano é uma fonte original de saber. Aspectos que viabilizam compreender o que está ocorrendo a partir da perspectiva dos implicados no processo (FREIRE, 1996; 2004).

Também aspectos que permanecem ocultos podem ser destacados a partir da perspectiva histórico-cultural (VIGOTSKI, 1998). Nesta proposta que tem caráter de pesquisa e intervenção o projeto da Roça Escolar foi pensado para atender a demanda da comunidade por relacionar a educação escolar e os saberes tradicionais e a sustentabilidade econômica do povo. Procurou-se entender como as populações tradicionais em especial o povo Umutina se organiza e socializa seus saberes e como estes podem dialogar com autonomia e protagonismo com os saberes chamados científicos.

Também utilizamos da pesquisa bibliográfica que permitiu levantamento nos documentos da escola e no seu projeto político pedagógico sobre os registros escritos referente a roça. Realizamos levantamento junto aos alunos e ex-alunos, junto aos pais e anciões, relacionado com as memórias da comunidade e da escola sobre as roças de toco.

Este trabalho foi realizado no Território Indígena Umutina envolvendo a Escola Estadual de Educação Indígena Julá Pará que visa revelar aos jovens a história Umutina, o cotidiano das famílias que ainda mantêm práticas tradicionais de produção, a relação harmônica dessas práticas com o meio ambiente na qual estão inseridas. A fim de demonstrar para estes que é possível buscar alternativas de autossustento dentro do espaço territorial Umutina, manejando e usufruindo da terra de maneira sustentável. Assim, a roça de toco produz muitos conhecimentos, sendo eles tradicionais e científicos, por isso será importante responder quais são esses conhecimentos e como contribuem para educação intercultural Umutina.

A escola é local de referência na organização política de toda a comunidade Umutina. Nela se discutem os aspectos culturais e também a importância do

conhecimento escolar para o povo Umutina como um instrumento de ressignificação dos rituais quase em desuso ou adormecidos. A escola Estadual de Educação Indígena Julia Pará é organizada em ciclo de formação humana no Ensino Fundamental nos Anos Finais, (última fase do segundo ciclo e terceiro ciclo). Ensino Médio Regular organizado em Área de Conhecimento.

A filosofia da Escola Estadual Indígena Julia Pará tem como objetivo atender as necessidades e criar condições para que o povo indígena Umutina continue lutando pela sobrevivência étnica e cultural proporcionando-lhe melhor qualidade de vida, através de educação, oferecendo alternativas de geração de renda familiar, com aproveitamento do recurso existente na aldeia Umutina.

Neste sentido, esta dissertação é composta de quatro capítulos, sendo que o primeiro capítulo trata da minha trajetória pessoal atendendo as orientações que foi dada na qualificação deste trabalho. O segundo capítulo trata do Território Indígena Umutina: a roça e a produção da existência. O terceiro capítulo aborda a educação escolar indígena umutina e o quarto capítulo, apresenta as narrativas do povo umutina sobre a origem dos alimentos tradicionais e por final apresentamos as considerações finais.

CAPÍTULO I: MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL

Aqui relatamos um pouco da minha história escolar que iniciou na aldeia Umutina. Para mim era tudo maravilhoso adquirir novos conhecimentos e eu que já conhecia muita coisa dentro do conhecimento indígena adquirido com meus pais, avós, tios e o irmão mais velho. Aprendi a plantar todos os tipos de planta, a colher e também a identificar as frutas silvestres apropriadas para consumo conheci as plantas medicinais para cada tipo de doença.

Eu estava apreendendo a espreitar animais a noite, pois tinha que conhecer as pegadas de cada animal onde é necessário muito ano para se tornar um bom caçador. Aprendi o significado do canto de cada pássaro, o rugido de cada animal. Comecei a compreender e sentir na pele as mudanças do clima, a localizar com as estrelas e os nomes de algumas delas e das constelações. Conheci as nascentes dos córregos e os limites de nosso território, aprendi a pescar com arco e flecha, principalmente no timbó que sempre foi momento de alegria pois tratava-se de reunião de pessoas e com isso muita aprendizagem com os mais velhos, uma aprendizagem divertida.

Eu me sentia livre num ambiente alegre, podia banhar qualquer hora que sentia vontade, corria para beira do córrego e dava aquele pulo, hoje posso lembrar com tristeza pois o córrego que passa pela nossa aldeia está secando, corre apenas um filete de água.

Quando chegou o momento de ir para escola a ansiedade era grande, pois chegou o momento que eu aguardava, antes mesmo eu ouvia falar de meus pais: você tem que estudar para ser alguém na vida! Na verdade, eu nem sabia o que significava ser alguém na vida, pois para mim todos eram alguém. Mas, para eles ser alguém seria ser um professor, um doutor, médico. Não explicavam apenas diziam que o estudo era bom e, foi assim que eu entrei na escola.

A escola era um ambiente fechado onde todos tinha que ficar em silêncio, foi difícil acostumar-se. Eu que estava acostumado a prestar a atenção em ambientes livres. No começo foi constrangedor, no entanto com o passar dos anos fui me adaptando com o sistema escolar. Naquela época não tinha merenda, pois posso dizer assim pois, raramente havia alguma coisa para os estudantes merendarem. No intervalo nós alunos corríamos para casa para comer algumas coisas e voltávamos para a escola, pois as casas eram todas perto da escola. Quando já estava na antiga 3ª Série, chegou na aldeia Umutina um professor que

nunca vou esquecer, o professor era deficiente do braço, pois não tinha o braço esquerdo. Com o passar dos dias fui me tornando amigo do professor assim, como todas as pessoas da aldeia Umutina.

Porém em determinado momento, o professor resolveu entrevistar alguns pais, para que contassem como era a maneira de ensinar de suas épocas. Nessa entrevista surgiram vários comentários a respeito da tabuada que, os alunos aprendiam porque na época deles usavam a palmatória. Então o professor resolveu implantar a palmatória na hora de tomar a tabuada dos alunos. Onde funcionava da seguinte maneira: o professor perguntava quantos que era tanto vezes tanto, se o aluno acertava seguia a pergunta para outro aluno, mas se o aluno errava, o próximo que acertava tinha o direito de dar três palmatórias no aluno que havia errado.

Relembrando e escrevendo esses fatos, ainda sinto pena daqueles que várias vezes tomaram palmatoria na mão, sinto renascer na memória a imagem daqueles dias, dos meninos ficando vermelho para não chorar, das lágrimas das meninas que várias vezes eu vi chorar diante de mim e, essas lágrimas que muitas vezes foram causadas por palmatória dadas por mim mesmo. Pois, não podia bater devagar porque senão desse as palmatórias, seria eu quem as levaria. Lembrando disso ainda sinto calafrio, e lembrando que na época não falava em educação escolar, sim em ensino um ensino forçado eu diria, ao observar e comparar a educação escolar dos dias atuais. Apesar do ensino rigoroso dos professores, confesso que esse tipo de ensino fez com que eu me tornasse uma pessoa determinada. Terminei a antiga 4ª série no ano de 1984 e, em 1985 fui para cidade de Cuiabá, continuar os estudos, pois na aldeia Umutina, tinha apenas até a antiga 4ª série.

Na cidade de Cuiabá estudei no colégio João Brienne de Camargo. Onde me deparei com uma realidade totalmente diferente e desconhecida da minha realidade na aldeia. A cidade me sufocava, ninguém conhecia ninguém, uma correria, no colégio não conhecia os alunos. Os professores ficavam menos tempos com os alunos, cada aula entrava um professor, dava a sua matéria e ia embora. Não havia nem um pouquinho de afeto deles com os alunos para eles todos eram iguais com conhecimento a um só nível.

Aqueles alunos que conseguiam alcançar média, eram alunos bons, os outros eram apenas alunos incapazes, sem futuro. No começo do ano não conseguia entender nada de nada. Tudo para mim era desconhecido, fui mal em várias matérias. Na metade do ano para frente, abriu um novo horizonte, comecei a enxergar e entender como funcionava o sistema de ensino dos não índios, mas apesar disto já carregava na consciência o trauma, medo de alguns professores.

Até hoje lembro da professora de português, uma professora enorme, de óculos nos olhos, daquelas mulheres que só de olhar já impõe medo para dizer a verdade ela nunca falou comigo. Mas, a forma como falava com os outros alunos já era o suficiente para eu ficar com medo, nunca vi um sorriso em seus lábios, durante o tempo que tive na aula com ela. Lembro do professor de práticas agroecológicas, um professor durão que mesmo assim admirava-o, até o dia que me tirou dois pontos de sua matéria, pelo fato de eu ter tirado um pé de beterraba, por curiosidade. Era uma planta desconhecida por mim até então, pois não tinha na minha aldeia, curiosidade que me custou dois pontos daqueles que eu quase nem tinha, e a bronca, a humilhação que passei diante dos meus colegas de classe, cada um zombando mais que o outro. Naquele momento, a minha vontade era sair correndo naquela hora e só parar quando estivesse chegado na minha aldeia. Quando chegou o final do ano, já tinha melhorado muito, comecei tirar boas notas, mas não o suficiente para passar de série, reprovei.

Mas essa discussão sobre agroecologia desde quando eu ainda era adolescente em Cuiabá marcou minha vida e hoje na escola da aldeia estamos todos envolvidos nesta perspectiva de pensar a agroecologia como um tema do currículo da educação escolar indígena para nós. No projeto Mais Educação começamos um projeto de horta agroecológica e que agora passa a fazer parte da discussão de todos os professores e estudantes da escola e está sendo um trabalho que eu gosto muito porque trabalhei na roça desde pequeno e na faculdade entrei na área de Ciências da Natureza e enfrentei química e física só para estudar biologia.

Depois deste período em Cuiabá voltei para minha aldeia e no ano seguinte comecei a estudar na cidade de Barra do Bugres que fica a 15 km da aldeia, no colégio Júlio Müller. Tive uma nova fase muito diferente daquele relatado. Apesar de ir bem na escola, tanto nas notas como na amizade entre os alunos e os professores, o deslocamento até a escola tornou-se muito difícil. Pois, não tínhamos casa na cidade onde poderia ficar para estudar. Tinha que ir todo dia da aldeia até a cidade. Quando íamos de carro, a viagem era mais rápida, embora o conforto era péssimo, o carro era uma Toyota, daquelas bem pequenina, onde o motorista tinha que dar duas viagens para levar todos os alunos. Até aí tudo bem, mas quando o carro apresentava problema, tínhamos que ir de trator, ou de barco, onde o caminho tornava-se mais longo. A dificuldade maior era na época da chuva, muitas vezes éramos obrigados assistir as aulas com roupa molhada. Lembro-me que éramos dez alunos no início, e que apenas a metade desses alunos concluíram a antiga 8ª série, e eu era um deles.

No ano de 1990 comecei a estudar o Ensino Médio na mesma escola. Eu não tinha como estudar a noite onde tinha vários cursos: propedêutico, contabilidade e outros e a tarde tinha apenas o magistério. Como não tinha onde ficar para estudar a noite, tive que fazer o magistério. Curso que hoje dou graças a Deus por ter concluído, porque realmente não foi fácil. Primeiro tive que dominar a timidez, algo que carrego até hoje, falar na frente das pessoas para mim era coisa impossível, mas a dificuldade maior era participar do estágio que era de manhã e o carro somente ia à tarde para levar os alunos.

A única opção que restou foi o cavalo que eu pegava um dia antes para sair de madrugada no dia seguinte. Por dentro da aldeia é 9 km até chegar na margem do Rio do Bugres na cidade, chegando lá soltava o cavalo, atravessava o rio com água no peito com a bolsa nas costas pois na época da seca o rio fica bastante baixo o nível da água e, em seguida vestia a roupa e o jaleco e ia para o estágio.

Quando terminava a aula, era o horário mais crítico, a cidade exalava o gostoso cheiro do almoço e, eu, sem um centavo, evitava de passar nas lanchonetes e seguia para a beira da ponte, esperar o almoço, se é que pode chamar de almoço o arroz e o feijão, as vezes algum peixe frito. Mas permaneci firme até o terceiro ano do magistério, porém as forças foram se perdendo, quis desistir, mas como em todo lugar existem pessoas de bom coração os professores se reuniram e decidiram que cada dia um professor ou colega de classe me levaria em sua casa para almoçar, funcionou por pouco tempo, eu não sentia bem indo de casa em casa para almoçar, feria-me o orgulho, que muitas vezes tive que deixar de lado, na metade do ano decidi desistir, para o desespero da minha mãe e minha frustração.

Mas Deus é bom, minha mãe tinha vários conhecidos e, uma me ofereceu a casa dela para eu terminar os estudos. Permaneci dois meses apenas e devido alguns problemas voltei para aldeia novamente. Mas, nesta época fiquei conhecido da irmã desta dona que eu jamais vou esquecer e ela mandou me chamar novamente para que eu ficasse em sua casa onde fui recebido como um filho e então pude concluir o magistério.

Após concluir o magistério, fiquei longo tempo sem estudar, porém trabalhando como professor substituto de alguns professores que precisavam, isso aconteceu na escola da aldeia Umutina Município de Barra do Bugres em Mato Grosso. Até então, a escola tinha o nome de Escola Municipal “Otaviano Calmon”. No ano 2000, participei de uma seleção de professores da rede Municipal de Barra do Bugres, onde a minha classificação estava quase no final, no entanto fui classificado. Pois, houve várias desistências de professores pelo fato de as escolas serem isoladas, então fui inserido como professor interino na rede Municipal de Barra do Bugres. A escola ficava bem distante,

aproximadamente 100 km da cidade. A população da comunidade local era bastante carente e os alunos na mesma situação.

Passei muita dificuldade, pelo fato de ser o meu primeiro trabalho, por eu ser indígena, dando aula em escola de não índio e porque a escola não tinha energia, água encanada e nem merendeira. No entanto, naquele ano aprendi um pouco de cada trabalho que envolve a escola, bem como: fazer merenda, lecionar em uma escola multisseriada, fazer faxina, fazer planejamento como pedia o município e o mais importante aprendi fazer planejamento de acordo com a realidade daquele povo, pois os livros didáticos não tinham nada a ver com a necessidade dos alunos daquela comunidade.

Foi quando conheci FREIRE (1996, p. 21), que me ensinou que ensinar envolve experiências e “não depende só dos métodos mais de vários outros fatores que junto irão juntar e fundir para transmitir conhecimento para os alunos e para que esses alunos se tornem críticos na sociedade que os rodeiam”.

Me firmei nesta ideia, pois estava me adaptando em retirar dos livros didáticos aquilo que seria adequado para ensinar naquela comunidade bastante diferenciada e que marcou- no início de carreira e nos Encontro de Formação de Professores, oferecido pelo município de Barra do Bugres onde seus livros foram bastante citados. Contudo, trabalhar naquela comunidade serviu como fortalecimento na decisão de continuar trabalhando como professor. No ano de 2001 trabalhei em outra escola a 80 km de Barra do Bugres. Ressalto que esta escola também era de não índio, chamada “Escola Municipal Paraguari”.

Os alunos eram filhos de empregados de fazendeiros e de moradores que ficavam à beira do Rio Paraguai. Nessa escola já havia mais conforto, com energia elétrica, água encanada, entretanto, não tinha merendeira e eu mesmo tinha que lecionar e fazer a merenda. Com tudo isso, já podemos imaginar a qualidade de ensino que o município oferecia. No ano 2002 trabalhei em uma escola que se chamava “Porto Feliz” que ficava a 100 km de Barra do Bugres.

Nessa escola os alunos eram filhos dos moradores do local onde já havia energia e água encanada e merendeira que era mãe de aluno. Novos desafios novos enfrentamentos. Essas escolas chamadas de isoladas à época, posso afirmar que são as escolas do campo e apesar de serem isoladas, a comunidade valorizava e respeitava o professor, recompensando o trabalho.

No ano de 2001 participei de vestibular para ingresso no curso de 3º Grau Indígena, oferecido pela UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) em Barra do Bugres. Fui selecionado, consegui ingressar. Vivi uma nova experiência aprofundando meus conhecimentos na leitura do livro Parâmetros Curriculares em Ação (PCN), onde fala sobre: Quem são, quantos são e onde estão os povos indígenas e suas escolas no Brasil. Deixou-me bastante interessado e enriquecido meu conhecimento foi também o texto do livro: O livro do antropólogo; olhar, ouvir, escrever, onde diz que, o olhar funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração, e que o ouvir e olhar complementam-se e servem para o pesquisador como duas muletas, que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento. Nesses termos, o olhar e o ouvir seriam parte da primeira etapa, enquanto o escrever seria parte da segunda.

Em 2003, comecei a trabalhar com a minha comunidade, na Aldeia Umutina que até então era chamada de Escola Municipal “Otaviano Calmon”. Esta escola também era multisseriada e deparei com uma realidade totalmente diferente daquelas que eu tinha conhecido. Os alunos indígenas bem-comportados, tímidos, no entanto em questões de aprendizado muito bem avançados, uma escola que ensinava primeiramente a cultura dos não índios como afirma Meliá:

Os ataques à alteridade e à diferença deram de forma múltipla, mas talvez possamos resumi-los em: imposição de uma língua geral ou nacional, currículo também nacional e professores para os povos indígenas. Esses foram também basicamente os programas e projetos das antigas missões (MELIÁ, 1988, p.14).

E a preocupação maior que eu via que ainda era uma escola que se preocupava em ensinar ler e escrever e não preparar o aluno para o futuro em uma carreira profissional ou prepará-lo para viver uma vida digna em uma comunidade indígena. Uma metodologia que não se preocupava nem um pouco com a cultura Umutina, aparentemente não existia mais uma ponte de ligação entre o conhecimento indígena. Tudo isso era consequência de uma educação escolar imposta pelo sistema do governo para integrar os indígenas a sociedade.

Através do curso 3º Grau Indígena, os professores indígenas estavam na fase de clareamento da visão a respeito de uma escola específica e diferenciada, e isto veio fortalecer o meu trabalho e dos demais professores da escola da aldeia Umutina. A nossa cultura outrora enfraquecida, começou a fase de ressignificação. A escola “Otaviano

Calmon” anteriormente, não se preocupava com uma escola específica e diferenciada como coloca Tassinara em seu artigo Escola Indígena: Novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação:

Em suma a ideologia dominante é vinculada através da Escola, justificando a própria maneira de atuação, tendo na verdade, uma finalidade, que é de dissimular os conflitos entre as classes. Em termos de uma sociedade indígena temos um conflito étnico. (ANTONELLA, 1997, p. 57).

Mais tarde, deu a entender através de relatos dos estudantes do 3º Grau Indígena que isso não aconteceu somente em nossa escola. O sistema educacional brasileiro no passado apropriou de muitas escolas indígenas, ou todas. Entrando em conflito na educação escolar indígena, onde os indígenas ficaram em meio termo, entre o conhecimento indígena e o não indígena. Embora, o conhecimento dos não índio eram dominantes dentro das aldeias o sistema próprio de aprendizagem era sempre vivenciado de uma maneira silenciosa mais muito forte. Olhando para trás percebe-se que se não fosse pelo espírito guerreiro do povo Umutina não teríamos sobrevivido ao caos. Somando a isso as táticas de resistência empregada ao longo do tempo.

O 3º Grau indígena e mais tarde 3º Grau Indígena Intercultural deu um suporte muito grande a todas as etnias que estavam participando do curso principalmente nas questões das culturas. Uma conquista de luta que vinha a muito tempo em discussões por parte do movimento indígena e pessoas simpatizantes da causa.

É nesse contexto em que o ensino superior indígena vem sendo debatido pelos movimentos e organizações indígenas e também no âmbito do Ministério da Educação. Neste sentido, as discussões tiveram dois momentos históricos como pauta institucional dos povos indígenas e do ministério da Educação: a primeira em 1999, quando a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, apresentou pela primeira vez no Comitê De Educação Escolar Indígena do MEC o Projeto de 3º Grau para formação e Habilitação de professores indígenas (como Curso de Licenciaturas Específicas), para atender a educação básica nas aldeias. O segundo momento importante do ensino superior indígena no MEC foi em 2001, no estado de Roraima quando foi realizado o IIº Movimento dos Povos Indígenas e o Ensino Superior, onde o movimento indígena apresentou o documento final, intitulado Carta de Canauani, a qual depois foi encaminhada ao Conselho Nacional de Educação – CNE, solicitando consulta quanto à oferta de ensino superior para formação de professores indígenas daquele estado (ANGELO, 2009, p. 128).

Já dentro desse contexto, em 2006 conclui o curso do 3º Grau Indígena Intercultural na área de Ciências da Matemática e da Natureza, com o título da monografia: “O Comércio da Poaia na Aldeia Umutina”. Na realização deste trabalho de pesquisa, já percebia a noção de trocas de conhecimentos multiculturais. Principalmente, na relação do comércio desse produto com os não índios e pensava esta situação multicultural que vivíamos entre os índios na aldeia e as relações do conhecimento existente por parte de cada etnia presente na aldeia Umutina. Tudo isso com relação a poaia, a sua maneira de extração, a maneira de plantar novamente, porque era importante para que no ano seguinte não faltasse.

Nesse mesmo ano comecei a dar aula para o Ensino Fundamental, já então existente na Aldeia Umutina. No ano de 2003, a comunidade Umutina entrou com um processo para mudança do nome da escola “Otaviano Calmon” para Escola Estadual de Educação Indígena Júla Pará, em homenagem ao ancião da aldeia chamado pelo mesmo nome. O senhor Júla Pará foi um dos responsáveis pela ressignificação da cultura Umutina que até então andava adormecida.

Com este novo trabalho na Escola Estadual de Educação Indígena Júla Pará, enfrentei novos desafios, assim como os demais professores, pois os alunos que lecionávamos, eram alunos que estudavam na cidade de Barra do Bugres. Alunos que estavam estudando em escola de não índios e que, quando retornaram para aldeia depararam com uma realidade diferente,

(...) queremos dizer com isso que a escola atua como um organismo de mudança inculcando novos valores através da educação, e que esses alunos, ao permanecerem na cidade por um grande espaço de tempo, são finalmente imbuídos dos valores citadinos, o que leva muitas vezes a preferir a vida da cidade à aldeia” (ANTONELLA, 1997, p. 57).

Muitos desses estudantes não aceitavam a escola com suas diferenças e especificidades, até nós professores indígenas fomos desacreditados pelos alunos e por alguns pais. Mas não foi motivo para desanimar, acreditávamos na potencialidade de cada professor. Assim, tempos depois, conseguimos reverter a situação, mesmo porque os alunos daquela data em diante que completassem a antiga 5ª série não precisaria mais deslocar até a cidade de Barra do Bugres para estudar. Então iniciou uma nova fase na educação escolar da Aldeia Umutina, no que se diz da cultura Umutina, começamos um estudo aprofundado acompanhado de os alunos, pais e comunidade em geral. Os Umutina mais experientes começaram a colaborar com os professores, nas histórias, danças, as

comidas tradicionais, os adornos, os vestuários, as músicas, as comidas tradicionais, os artesanatos, pinturas corporais, os remédios tradicionais e também a língua materna Umutina. Sobre isso a professora Eliane Borponepá Monzilar em trabalho de dissertação de mestrado diz:

A participação dos pais e da comunidade é essencial nesse processo para que de fato tenha uma educação escolar indígena que venha de encontro com os anseios e as demandas da comunidade e que o ensino e a aprendizagem possam dialogar com os dois universos do conhecimento tradicional e da sociedade envolvente”. (MONZILAR, 2012, p. 26).

Em 2011 conclui o curso de Especialização em Educação Escolar, indígena, com o título: “Organização Política dos Caciques da Aldeia Umutina.” Novamente cito os desafios de uma nova organização e suas mudanças em uma comunidade multicultural, no entanto este trabalho veio ao encontro das minhas expectativas para o melhor desenvolvimento na educação escolar da minha comunidade. O curso de especialização foi oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso “Campus universitário Dep. Estadual Rene Barbour, Faculdade Indígena Intercultural. Assim como eu e todos os professores efetivos são especializados, neste período conseguimos atingir vários objetivos bem como: calendário diferenciado, onde conseguimos inserir as festas tradicionais, a pesca do timbó, época da colheita e semana cultural.

Outro desafio que foi encontrado foi em relação as aulas de campo, por parte de alguns pais que acostumados com as aulas entre quatro paredes, não sabiam diferenciar esse tipo de aula, diziam que os professores não estavam dando aulas. Porém através de reuniões, palestras com os pais para conscientização das mudanças e da importância de ter as aulas de campo, principalmente no que se diz a respeito da pesquisa para ter certeza dos conteúdos que estão sendo analisados, conseguimos reverter essa situação.

No ano de 2012 iniciei meu trabalho na Escola Estadual de educação Indígena Julá Pará, como Coordenador Pedagógico. Fui escolhido pelos professores, tinha novos desafios pela frente, principalmente com as reuniões pedagógica que aconteciam todas as terças-feiras. Com o decorrer do tempo foi adquirindo experiência e neste mesmo ano trabalhamos com a Formação Continuada “Sala do Educador” *Iniânzo*, que quer dizer na língua Umutina “Árvore que dá frutos”. Onde discutimos a situação dos alunos, bem como possibilitou aos profissionais da Educação Básica, oportunidade de desenvolver suas potencialidades, de acordo com as necessidades dos alunos, qualificando no ensino-aprendizagem da escola clicada Estadual de Educação Indígena Julia Pará. Ainda, neste

ano, funcionou a Sala do Educador que se chamava *A- Menú*, que quer dizer “CAMINHAR” onde desenvolvemos com os professores estudos individuais em suas respectivas áreas de formação.

Apesar de vencer vários obstáculos, sei que ainda há muito o que fazer para a Escola Estadual Indígena Júla Pará, para atingir um nível ótimo e é por isso que, eu quero prosseguir em meus estudos, finalizando o curso de mestrado com o tema: “Roça de toco da escola. E.E.I Júla Pará: Um Projeto Intercultural”. Entendo também que este trabalho pode contribuir com a discussão proposta pela Linha de Pesquisa em: Ensino, Docência e Interculturalidade e colaborar para que as novas gerações, a comunidade, a escola possam ter conhecimento dos desafios enfrentados pelos estudantes Umutina no passado. Ainda servirá de registro, documento, para fazer reflexão do passado para novos enfrentamentos do presente e conseqüentemente para a melhoria do futuro dos estudantes indígenas sem perder a cultura. Mesmo porque sabemos que os indígenas detêm o conhecimento milenar das práticas culturais, tornando assim uma teia de saberes. Desta forma, o projeto irá propor um conhecimento milenar indígena e o científico. Entendo que a proposta da pesquisa que eu encaminho está relacionada com as demais pesquisas do grupo e com a proposta de formação com a qual eu posso aprender muito e também de acordo com minhas possibilidades de contribuir com os saberes e práticas do meu povo e da minha escola.

CAPÍTULO II – O TERRITÓRIO INDÍGENA UMUTINA: a roça e a produção da existência

O povo indígena Umutina vive em aldeias multiculturais, na Terra Indígena Umutina, que tem o formato de uma península. A Terra Indígena Umutina é composta por 14 aldeias, sendo a aldeia Umutina, a principal, onde fica situada a Escola Estadual Indígena Julá Pará. Conta com uma população de 346 pessoas segundo o censo da SESAI (Secretaria Estadual de Saúde Indígena) de 2022. As aldeias são as seguintes e suas respectivas distâncias da aldeia Umutina, considerada a aldeia central: Bakalana que fica a 25 km, com 40 pessoas. Aldeia Adonai, 10 pessoas e Águas Correntes 17 pessoas que fica a uma distância de 10 quilômetros da aldeia Umutina. As margens do rio Paraguai temos a Aldeia Katamã, com uma família de 8 pessoas; Aldeia Barreiro com 11 pessoas, a Aldeia Cachoerinha com uma família de 7 pessoas está a 10 quilômetro da aldeia principal, também existe a aldeia Masepô das famílias dos Kupodonepá com uma população de 34 pessoas.

Fig: 01 Plantação de mandioca na aldeia Boropô



Fonte: Professora Eliane Boroponepá moradora da aldeia, 2022.

A esquerda da Terra Indígena Umutina, o seu limite é o rio Xopô (Bugres) e em sua margem encontra a aldeia Ajukwita possui 9 pessoas, Vale do Rio Bugres 21 pessoas, Acorizal 8 pessoas e a Amoroso em construção 6 pessoas. A direita o rio Laripô (Paraguai) faz a divisa com o Município de Barra do Bugres no médio norte de Mato

Grosso, no Centro Oeste do Brasil. A Terra Indígena Umutina conta com uma área total de 28.120 hectares.

Fig: 02 Cacique da Adeia Katamã observando o crescimento de plantação de milho.



Fonte: arquivo Aldeia Katamã do cacique Luiz Fernando, 2022

As novas aldeias construídas foram estratégias de ocupação do território, as famílias foram escolhendo e construindo novos locais de moradia. No primeiro momento construíram roças para a sustentabilidade familiar. Mais tarde com a chegada da Pandemia do Corona Vírus contribuiu para que as famílias ficassem permanentemente nas roças e que se tornaram aldeias. Com novas aldeias veio à tona o conhecimento tradicional sobre a roça tradicional de toco, pois os filhos voltaram a praticar a agricultura usando os saberes tradicionais que foi uma discussão dos professores dentro das reuniões escolares. Assim, surgiu cada vez mais a preocupação de a escola promover ações favoráveis a essas questões. E sobre essa situação Ipaquiri (2016, p. 12) se pronunciou:

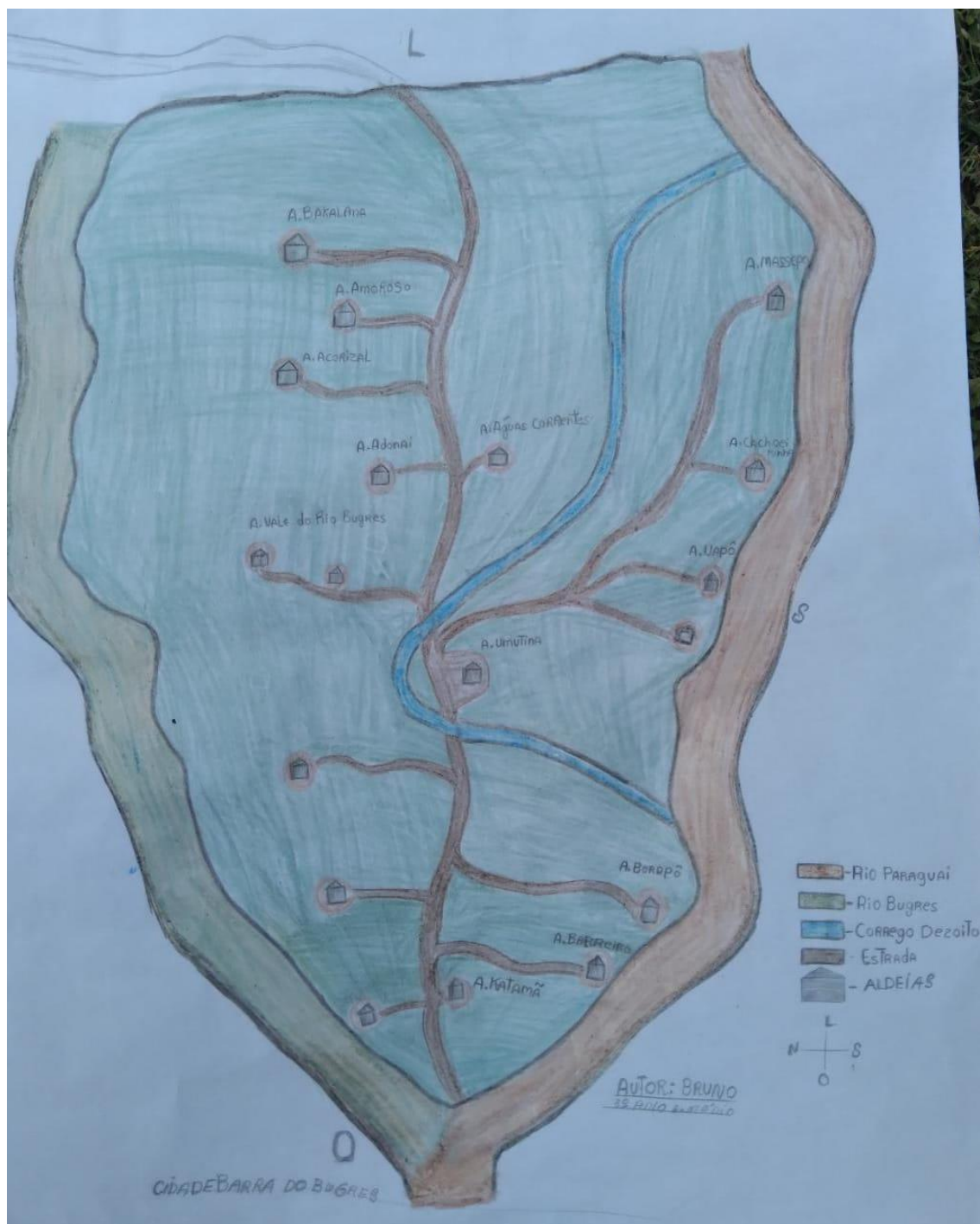
Sabemos, pelas histórias contadas pelos anciões que o pai levava o seu filho para a roça em sua companhia, já ensinando e orientando como se faz o preparo de uma roça, quando começava a roçada, derrubada, descoivarar, plantio e no final a colheita. E o pensamento dos pais daquela época era que os seus filhos começavam a aprender desde criança. Os anciãos dizem que era um tipo de educação dada aos seus filhos e que hoje está sendo esquecida. Hoje se torna diferente, pois o pai já incentiva o seu filho desde os seus 4 anos de idade a ir para escola estudar, já se tornou o direito e o dever da criança, porque existem leis que amparam o direito delas.

Por ser uma escola indígena estava lançado o desafio de: buscar esses conhecimentos com os anciões através de pesquisas, aplicar esses conhecimentos na teoria e na prática para que esses saberes fossem mantidos ao longo do tempo. Neste sentido haveria uma mudança de local de aprendizagem, pois aquilo que seria apenas passado para as crianças de pai para filho na família, a escola também colocaria em prática esses ensinamentos tradicionais. E aqui me afirmo na mesma preocupação de Boff (2016, p. 01) quando se expressa:

Temos que completá-la com o *outro fator*, o *resgate da razão sensível*, a mais ancestral em nós. Nela reside a sensibilidade, o mundo dos valores, a dimensão ética e espiritual. Aí residem as motivações para cuidarmos da Terra e nos engajarmos por um novo tipo de relação amigável com a natureza, sentindo-nos parte dela e seus cuidadores, reconhecendo o valor intrínseco de cada ser, e inventando outra forma de atender nossas necessidades e o consumo com uma sobriedade compartilhada e solidária.

Neste sentido o trabalho de roça de toco tradicional se fortaleceu, pois, vários alunos já tinham conhecimentos adquiridos na escola, através da roça escolar. Conhecimento esse ensinado por Boff (2016), os índios tem uma ligação muito forte espiritualmente com a natureza, embora com os impactos de pensamentos, estavam adormecendo entre os Umutinas Balatiponé. Assim como já citado anteriormente estava o desafio de trazer presencialmente esses conhecimentos de suma importância para o povo Balatiponé-Umutina. Em seguida mostraremos a área de estudo deste trabalho.

Fig. 03: Área de estudo



Fonte: Desenho do estudante Bruno Enemará Amajunepá, 2022.

A Terra Indígena Umutina tem seu limite com a cidade de Barra do Bugres. Ao seu entorno encontra-se fazendas, criadores de bovinos, plantações de cana de açúcar e a nascente do Rio Paraguai está em uma localidade que há muito tempo funcionou como garimpo na cidade de Alto Paraguai. A nascente do Rio Bugres está próxima da cidade de Denise. “A Terra Indígena Umutina é demarcada, o processo foi efetuado em 24 de abril de 1960 e registrado no cartório no município de Rosário Oeste MT” (MONZILAR,

2012, p. 13). Na aldeia Umutina vive crianças, jovens e adultos. Atualmente a sua população conta com uma população de 446 pessoas segundo a (SESAI) Secretaria Especial de Saúde Indígena.

Nos livros sobre a colonização do Brasil, muitos autores registram que a tutela e o contato com os povos indígenas com os não índios culminaram numa política indigenista que exterminou várias etnias.

A tutela do Estado brasileiro sobre os indígenas foi referendada nas Constituições Federais de 1934, 1946 e de 1969. Para Silva (1998, p.44) esta concepção “veio a ser referendada pela constituição Federal, promulgada em 1934 (Art., 5º XIX), mais tarde reafirmada em 1946 (Art. 5º XV – r) e também em 1967/69 (Art. 8º XVII – o) e denominado como “incorporação.”

A concepção do governo visava no sentido da expansão territorial e exploração econômica. Assim, também aconteceu com o Povo Balatiponé-Umutina. A determinação do ensino da língua portuguesa em conjunto com a proibição das práticas rituais indígenas e à disseminação das doenças pelo contato mais próximo, destruíram demograficamente e culturalmente os Umutina Balatiponé. Schultz (1953, p. 49) relata o seu encontro com os sobreviventes Umutina e a triste história do contato.

A nuvem de fumaça comprimido no leito do rio é tão densa que dificulta minha respiração. Começa uma vida penosa e triste para os índios. Os peixes nos lagos pereceram nas águas, quentes. A caça fugiu das matas carbonizadas. É a fome. Com a miséria chegou à doença. Coqueluche. Adquiriram-na em uma visita aos seus vizinhos neobrasileiros. A enfermidade alastra-se rapidamente. Nos adultos apresenta em forma de broncopneumonia. Todos estão prostrados, menos Julia Paré e seu irmão Katulá (...).

O povo Umutina Balatiponé como se autodenominam historicamente, assim como os outros povos do Brasil, passaram por vários processos antes e pós contatos com os não índios.

Após muitos anos de resistência do povo Balatiponé-Umutina, o contato com a sociedade envolvente foi inevitável o que significou desolação, pois correram risco de desaparecer fisicamente. Contemplando os tempos passados, a sobrevivência desse povo dependeu muito de seus conhecimentos, estratégias, destemidos dentro das florestas sempre buscando novos locais para a proteção dos invasores. Devido a isso e muitos outros fatores, a diminuição da população Balatiponé-Umutina foi drasticamente diminuindo, chegando ao ponto de se trazer outras etnias de outros territórios indígenas.

A aldeia Umutina se tornou multicultural e os primeiros indígenas a chegar na aldeia Umutina foram os Pareci e os Nhambiquára, vindo da Terra Parecis, aldeia Utariti, atualmente pertence a Terra dos Nhambiquará onde funcionavam como centro de catequização para os índios, principalmente para as crianças e jovens indígenas. Essas famílias vieram através da Comissão Rondon. Trazidas para a Terra Indígena Umutina ainda jovens e mais tarde chegaram outras etnias. Por ser um território rico em flora e fauna teve espaço para todos e viverem em harmonia. Porém, com os estudos e formação dos estudantes muitos saem da aldeia, como é citado por Monzilar & Corezomáé.

Os espaços e recursos naturais encontrados na Terra Indígena Umutina, hoje parecem ser suficientes para a manutenção das práticas culturais e sociais dos povos que abriga. Mas, devido ao aumento constante da população, dentro de pouco tempo estes recursos naturais podem não ser mais suficiente para a sobrevivência material e simbólica dos Umutina. Afinal, para as famílias Umutina, a terra é fundamental para manter viva a cultura de seu povo. Devido à falta de condições de trabalho, de apoio e perspectivas de sustento, muitas famílias estão indo para a cidade. O êxodo é ainda maior entre os jovens. (MONZILAR & COREZOMÁÉ, 2022, p. 212).

Há o pensamento ilusório, ideia de que saindo da aldeia possam ter melhor qualidade de vida. Porém, alguns conseguem encontrar trabalho, mas trabalhos que não conseguem se manter de maneira digna e acabam retomando para as aldeias frustrados. Pois, a falta de formação e a competição da sociedade capitalista faz com que muitos voltem para a aldeia quando se encontram em dificuldade.

CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA UMUTINA

Entre os Umutina a introdução de educação escolar deu-se na época de Rondon no SPI (Serviço de Proteção aos Índios), a primeira escola foi construída e começou a funcionar em 1943 (MONZILAR & COREZOMAE, 2012). Mas o seu funcionamento não era estável, devido os professores não permanecer na aldeia por muito tempo. E sobre essa questão é chamada por Secchi de “escola do posto”.

Uma segunda tipologia de escola é encontrada nos tradicionais posto do SPI e da FUNAI. Ainda que as instalações escolares sejam muito semelhantes às das missões, as condições de funcionamentos são bastante distintas. Os seus primeiros professores foram funcionários do próprio órgão tutor, quando não cônjuges de funcionários ou pesquisadores que permaneceram nas áreas por algum tempo. Essa composição limitou sobremaneira a regularidade das atividades escolares e acarretou frequentes interrupções no processo de ensino aprendizagem. O período de maior dificuldade coincidiu com o desmantelamento da estrutura educacional mantida pela Funai. Desde então, foi preciso que os estudantes indígenas formados nas cidades retornassem às aldeias para restabelecer as atividades das escolas. Os professores indígenas dessa tipologia de escola são funcionários efetivos ou interinos, remunerados pelos municípios ou pela administração estadual, sendo que a maioria cursa licenciatura específica”. (SECCHI, 2009, p. 79).

Com isso as aulas duravam de dois a três meses por ano, trazendo muita dificuldade para os alunos que não terminavam as séries iniciadas.

Só a partir de 1982 a escola passou a funcionar normalmente com os professores contratados pela Funai. A escola funcionava em regime multisseriada e ela foi reconhecida pela lei municipal nº 651/ 83. Em 20 de setembro de 1983. Pelo Município de Barra do Bugres-MT. Entre tanto na época era ensinar a ler e a escrever em português para integrar os Umutina a sociedade envolvente. Esse modelo de integração está relacionado a perda das práticas tradicionais. (MONZILAR & COREZOMAE, 2022, p. 212).

Muitos anos se passaram calados e subjugados pelo sistema colonial que se alicerçou no método positivista que afasta tudo, ou seja, temos dificuldade de ver o mundo de forma integrada. Na escola as disciplinas quase sempre eram ensinadas em caixinhas, por isso ainda hoje nossa dificuldade de compreender que a cultura e o conhecimento tradicional são importantes. A princípio existe também o domínio do medo até hoje, significando o silêncio das práticas tradicionais em todos os sentidos, seja por vergonha ou medo. Através do conhecimento tradicional agregamos as várias áreas do conhecimento como a matemática, a geometria, a nossa língua. Zitkoski (1996) denuncia que essas delimitações e ou limitações que nos foram impostas foram nocivas a compreensão do mundo. Em relação a língua é importante destacar que nosso povo silenciou a língua materna e o exemplo disso é que não utilizo neste trabalho nem mesmo

o resumo na língua materna ou algumas palavras chaves, pois elas raramente fazem parte do nosso cotidiano.

Em busca de novos conhecimentos saíram da aldeia Umutina muitos jovens, nos anos de 1980, pois a escola da aldeia somente contemplava até a 4ª série da época. Para continuar os estudos os alunos precisaram ir para cidade de Cuiabá ou Barra do Bugres. Início de inúmeras dificuldades para os estudantes e preocupação para os pais.

Uma das dificuldades constantes era na época das enchentes, ao sair de casa os alunos teriam que proteger adequadamente os seus materiais. Além da chuva teriam que atravessar o rio Paraguai totalmente alagados em sua margem e essa travessia teria que ser feita de barco ou canoa. Foram várias vezes que alunos tiveram que assistir as aulas com os uniformes molhados e que perderam também seus materiais escolares. Os pais vendo as dificuldades de seus filhos decidiram buscar solução para o problema. Além dessas dificuldades surgiram preocupações maiores a respeito da cultura, pois os alunos que estavam estudando nas escolas de não índio, estavam esquecendo a cultura tradicional.

Houve vários momentos de reuniões através de cacique e com lideranças, pais de alunos, representante do município e do Estado, para implantação do Ensino Fundamental dentro da aldeia Umutina. Pois, o crescente número de alunos e regresso da cultura, dificuldade de transporte e dificuldade nas enchentes, foram justificativas para que iniciasse a construção do prédio da Escola Estadual indígena Julá Pará e implantação do Ensino Fundamental. Ao mesmo tempo houve a mudança do nome da escola que anteriormente se chamava Otaviano Calmon. A escola passou a ser chamada de Julá Pará em homenagem ao ancião que, neste período foi fundamental no reavivamento de aspectos da cultura Balatiponé-Umutina entre eles: as danças, músicas, língua, artesanato, plantas, roça, mitos, o sobrenatural com suas crenças. Torna-se uma escola com mais identidade do povo. E através da roça de toco tradicional foi fundamental na recuperação, registro e aprendizagem desses saberes.

Fig: 04 alunos dançando antes das plantações para dar fartura



Fonte: Arquivo da família da aldeia Barreiro, 2022

A comunidade Umutina atualmente juntamente com a escola alcançaram um significativo avanço cultural. A cultura Umutina se firmou com mais intensidade entre os estudantes que através da escola Julá Pará e os professores trabalham intensamente os saberes tradicionais.

3.1. Práticas pedagógicas e a roça de toco

A agricultura tem uma grande importância para cada povo indígena brasileiro, porque todos tem suas histórias, mitos de como surgiu os alimentos: mandioca, cara, feijão-fava, batata, banana e vários outros. Assim como já afirmado por IPAQUERI (2016, pag. 31). O povo Balatiponé-Umutina, assim como todos os povos indígenas tem seu

modo de vida tradicional em relação a agricultura. Antes era difícil haver doenças nas aldeias por causa das alimentações que eram frutos da terra e, isso até hoje tem contribuído com suas sustentabilidades. Muitas comunidades ainda são sustentadas pelos produtos das roças. O tempo se passou, no entanto, até hoje a agricultura é uma das principais atividades de alguns povos indígenas.

No Território Umutina o povo fazia pequenas plantações, as vezes na mata, campos, algumas vezes na capoeira. Tinham poucas ferramentas como: enxada, foice e facão. Até atualmente estes são pequenos agricultores plantando apenas para sua sustentabilidade familiar. No entanto, houve períodos em que os Balatiponé-Umutina faziam enormes roças comunitárias, sempre obedecendo os rituais de plantações. Os indígenas desde os tempos imemoriais já cultivavam plantas para sua sustentabilidade seguindo vários conhecimentos. Segundo Amarante (2017, p.52), “ainda hoje, a Roça comunitária Myky é plantada ritualmente, ou seja, a partir da crença na presença atuante dos espíritos”. Entre os Umutina esses saberes estavam enfraquecidos pois observa-se que, o discurso a respeito da educação escolar era colocado como um saber de maior valor, diminuindo um conjunto de saberes ao se construir uma roça tradicional. Também sem perceber, a escola tirou o tempo que as crianças tinham para ir para roça, ajudando no enfraquecimento desses saberes. Com as construções da roça escolar esses saberes são transmitidos também através da escola. Neste olhar a educação escolar ganha um novo sentido como direito de práticas e saberes, da diversidade, do respeito à alteridade do povo Balatiponé-Umutina.

Para construção da roça tradicional dos Balatiponé-Umutina, demos ênfase aos mitos dos alimentos para maior compreensão e valorização da produção e também por tratar-se do foco da pesquisa. A agricultura tem uma grande importância para cada povo indígena, porque como já dito, todos tem suas histórias, mitos de como surgiu os alimentos, principalmente aqueles mais importantes da dieta alimentar como mandioca, cara, feijão-fava, batata, banana e vários outros.

Relacionado assim ao conceito de agro biodiversidade que é compreendido como o conjunto das plantas cultivadas cuidadas ou manejadas e os conhecimentos tradicionais que as pessoas têm sobre essas plantas. (ROBERT, 2012, p. 341).

Diante das pesquisas realizadas é correta a afirmação de BELTZ (2012, p. 98-99) que “torna-se necessário que esses conhecimentos tradicionais sejam estudados, revitalizados, reconhecidos e valorizados, antes que os mesmos se percam no tempo”.

O povo Umutina na atualidade vive um momento de reconstruir e construir tudo aquilo que foi proibido e esquecido no passado principalmente na construção passo a passo de uma roça tradicional.

O projeto de roça de toco ao longo dos últimos anos favoreceu a aprendizagem dos estudantes da escola, o que é uma referência dos resultados da minha prática docente por isso essa pesquisa tem relevância pois servirá como apoio para continuidade e enriquecimento das ações como professor comprometido com as práticas culturais do povo Umutina. (MONZILAR & COREZOMAE, 2022, p.215).

3.2. Práticas pedagógicas na escola

Para realização da pesquisa foi elaborado gravações de áudio e vídeo, fotos, formulário para análise dos documentos, e também questionário e entrevistas para levantamento das memórias com os anciões. Este projeto de pesquisa foi viável, pois foi realizado na Escola Estadual Indígena Julá Paré, com os alunos, ex-alunos, professores, anciões e anciãs da Aldeia Indígena Umutina. No ano de 2019 foi realizado várias entrevistas com anciões da Aldeia Umutina, sendo estes professores e anciões. Visando assim fortalecer e ampliar os espaços de pesquisa e investigação sobre as roças tradicionais tendo como ponto de partida o diálogo e o respeito aos modos de produzir e socializar o conhecimento das populações e comunidades tradicionais. Especialmente dos Umutinas Balatiponé.

Fig: 05 professores e alunos tirando mandioca para fazer massa e farinha.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Como demonstra a foto é uma prática pedagógica divertida que principalmente as crianças gostam de participar. Aprendendo aquilo que era o papel da família agora a escola assume este compromisso. A roça tradicional na escola Julá Paré teve início com uma roça de plantas medicinais que foi idealizada pelos estudantes juntamente com a gestora da época Eliane Boroponépá Monzilar e os professores. Esse plantio foi possível porque antes foi feito pesquisa de campo e entrevistas realizadas com os mais experientes sobre medicina tradicional do povo Balatioponé-Umutina, onde puderam conhecer plantas que eram e ainda são utilizadas com fins medicinais.

Esta atividade escolar, teve o objetivo de criar uma horta medicinal como espaço aberto e cultural pertinente ao desenvolvimento e repasse dos saberes tradicionais. Bem como, conhecer e utilizar as ervas e plantas encontradas no Território Indígena Umutina. Desta forma, fortalecendo os processos próprios de aprendizagem do povo. Também teve como finalidade de facilitar o acesso ao uso da comunidade, visto que segundo as informações muitos da população Umutina procuravam mais a farmácia da aldeia e

poucos faziam o uso dos remédios da mata. Foi muito importante a pesquisa sobre os remédios tradicionais para que os jovens conhecessem as espécies de plantas medicinais de nossa mata e a partir daí possam ensinar para as novas gerações para que esses conhecimentos não fiquem no esquecimento.

Com o desenvolvimento da roça medicinal que deu resultado positivo, o professor e gestor da época Laércio Amajunepá sugeriu através de uma reunião pedagógica a construção de uma roça de toco tradicional que serviria também à transmissão de saberes visto que, a roça de planta medicinal deu resultado positivo.

Para início dessa atividade foram organizadas e coletadas informações com os anciões e anciãs da comunidade. Um dos entrevistados foi o senhor “Virgílio Monzilar”. Desde criança ele trabalhou na roça com seus pais, detentor dos saberes tradicionais, também foi cacique por vários anos. Vergílio Monzilar, teve um papel fundamental pois, durante o seu mandato a comunidade adquiriu muitos produtos das roças comunitária e individual, uma vez que a agricultura era a base da sustentabilidade da aldeia.

Diante as entrevistas, o senhor Virgílio quando era questionado sobre as medidas das roças, sua resposta surpreendia a todos pois, são medidas usadas tradicionalmente e as vezes citava medidas pouco conhecidas pelos estudantes e por alguns professores. Bem como, “braças, alqueires”. Certa vez, fez uma comparação sobre o tamanho da roça. Segundo ele 250 braças equivalem ou aproximam de 2 alqueires ou 3 alqueires. Pois, a medida das braças depende de cada pessoa, umas tem o braço mais longo outras mais curto. Disse ainda que, as famílias faziam as roças baseados no número das pessoas que iriam trabalhar na construção da mesma. Falou ainda sobre os meses para cada trabalho na construção da roça. De acordo com ele o roçado era feito sempre no mês de maio. Terminado a roçada, no mês de junho a derrubada que era um serviço muito pesado, mais para os homens. Deixando a mata secar o mês de julho e até meado de agosto. No final de agosto e início de setembro realizava a queimada da roça.

Fig: 06 início a queimada da roça escolar



Fonte: arquivo da Escola Estadual Indígena Julá Pará, 2019.

Para fazer as primeiras plantações era observado as fases da Lua. Assim que a roça era queimada, primeiramente eram plantadas sementes de melancia, e milho. Arroz, banana e abóbora é plantada no mês de outubro.

A outra entrevista foi realizada com a anciã Carmina Monzilar. A dona Carmina trabalhou na Pastoral da Criança, entidade da Igreja Católica que atuava na aldeia Umutina. Também foi conselheira de saúde da aldeia, fez parte da Associação das mulheres da aldeia, conselheira de educação da escola Julá Pará e atualmente faz parte do movimento indígena das mulheres do Estado de Mato Grosso. Carmina diz que tem muita experiência com a roça tradicional e que já cultivou variedades de plantas que servem como alimentos. O primeiro trabalho concretizado, segundo ela, foi quando construiu uma horta e em seguida percebeu que podia fazer roça tradicional. Questionada sobre a roça escolar ela diz: “É muito bom e assim as crianças aprendem desde capinar, plantar ter muito mais conhecimento”. Neste sentido, com relação ao tempo de plantio destacamos:

O senhor Luiz Fernando Calomezoré relata sobre os marcadores de tempo em relação ao plantio onde existe um determinado tempo, cita que para o povo Umutina a fase da lua tem vários seguimentos, que para plantar mandioca, cara, batata, todos alimentos que tem raiz que se dá embaixo da terra, é plantado geralmente na lua cheia e crescente, e as plantas que dá frutos por exemplo, laranjeira, limão, abacate e outras plantas são cultivadas na lua cheia. Ele diz que quando as plantas são cultivadas na lua nova geralmente não dá o fruto ou floresce bem pouco (GENIELE & COREZOMAE, 2022, p.218).

Além dos marcadores de tempo citado pelo Senhor Luiz Fernando Calomezoré que também foi cacique e Coordenador Local da Funai (Fundação Nacional do Índio), este destaca ainda os dias da semana que são mais propícios para plantar. São os dias bons terça-feira, quarta-feira e quinta. Fora esses dias se plantar as plantas nascem, porém pode não dar resultados positivos. No caso da mandioca poderia dar rama bonita mais a raiz pequena ou fina e no caso do milho as espigas não se desenvolvem.

O mais interessante que o senhor Luiz Fernando assim, como outras pessoas entrevistadas demonstram ter um conhecimento exato de medidas ou de aproximação. A seguir veremos uma comparação feita por ele: “1 hectare equivale a 10.000 m². O tamanho de uma roça que seria mais adequado para uma comunidade trabalhar e cultivar”. No final o Senhor Luiz Fernando fala sobre a importância da roça escolar e sua preocupação com o enfraquecimento na comunidade sobre a prática de roça tradicional de toco. De acordo com ele, antes todos participavam da roça comunitária e faziam a roça individual e que a escola está correta em ter a iniciativa de construir uma roça tradicional.

O cacique Lucimar Calomezoré, que neste período ainda era cacique relata sobre a importância das fases da lua para os Umutina. Ele relata que plantando na lua cheia e crescente as plantas nascem mais forte e mais rápido. Fizemos uma observação importante sobre o que o senhor Lucimar disse em relação à aprendizagem das crianças indígenas. De acordo com ele além de aprender com a mãe e o pai a criança aprende também com os, mais experientes da comunidade. Neste sentido, ele fala que desde criança aprendeu a observar e aprender tudo aquilo que os anciões e anciãs ensinavam. Sobre a roça escolar ele acredita que “ela será um novo sistema de aula diferenciada para os alunos, e que, na prática a facilidade de aprendizagem será maior e bem mais produtivo.

Sobre a Lua nova, raramente plantam nesta fase da Lua. Dizem os mais velhos que nesta fase da Lua as plantações crescem lentamente e suas frutas não desenvolvem.

Figura: 07. Desenho representado a fase da Lua nova.



Fonte: arquivo pessoal. Desenho, aluno Bruno Enemeré Amajunepá 3º ano Ensino médio, 2022.

Na Lua crescente é propício para o plantio de algumas plantas que crescerem mais rápido. São cultivados apenas plantas que são utilizados apenas os troncos. Podemos citar a cana de açúcar.

Fig: 08 Desenho representando a fase da Lua crescente.



Fonte: arquivo pessoal. Desenho do aluno Bruno Enemará Amajunepá 3º Ano Ensino Médio, 2022.

No caso da mandioca, segundo os anciões, planta-se na fase da Lua crescente. A rama da mandioca irá crescer rápida e bonita, porém sua raiz será fina e bem alongada.

A fase da Lua cheia é considerada excelente para plantar.

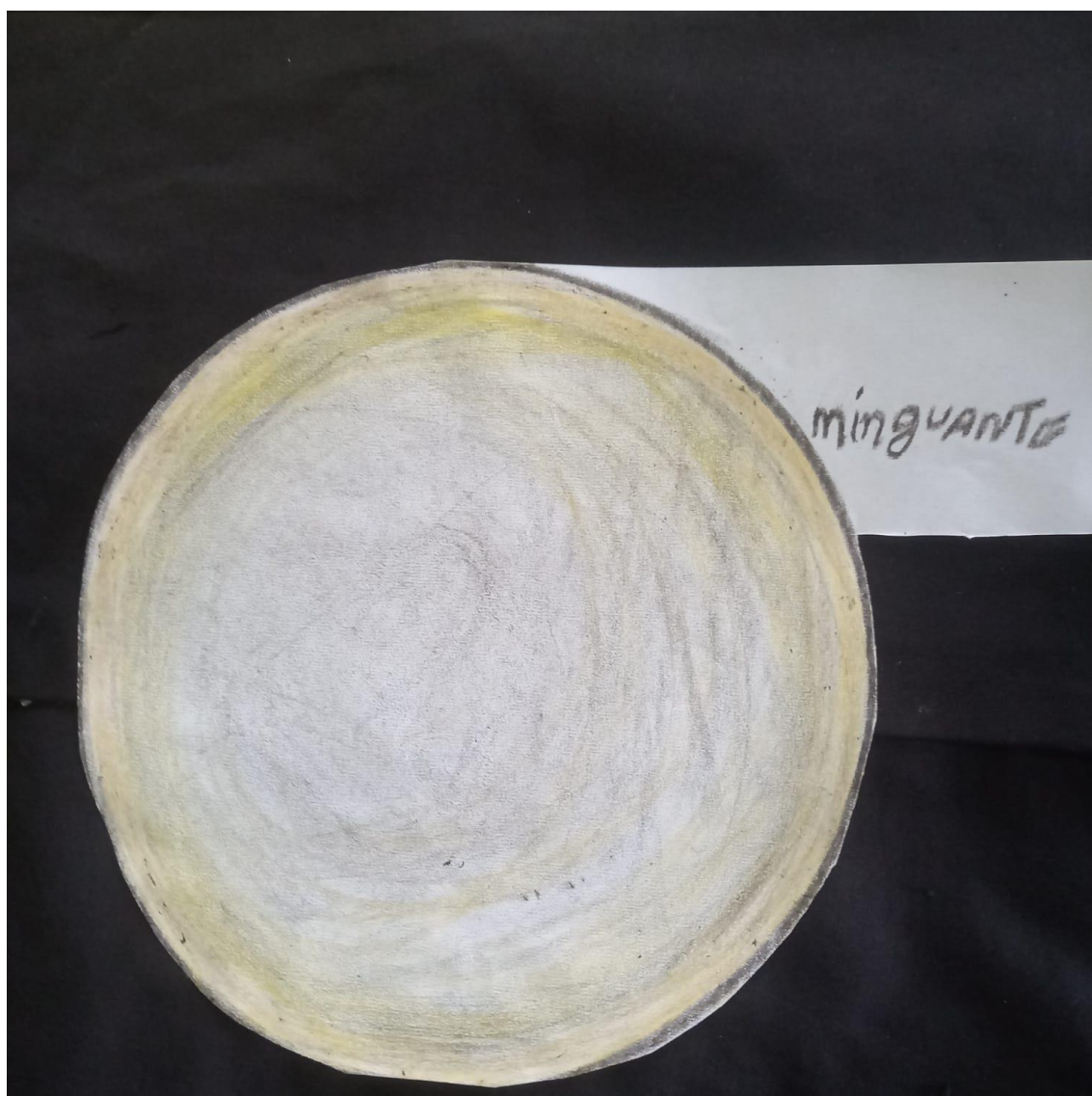
Fig. 09. Desenho representando a fase da Lua cheia.



Fonte: arquivo pessoal. Desenho do aluno Bruno Enemará Amajunepá, 3º Ano Ensino Médio, 2022.

Esta fase da Lua é a mais esperada para os indígenas que plantam a roça tradicional. É considerada excelente para plantar todos os tipos de árvores. Pois, segundo as experiências dos agricultores é que todas as sementes que colocaram na terra irão nascer rapidamente dando bons frutos a não ser que falte chuva.

Fig. 10: Desenho representando a fase da minguante.



Fonte: arquivo pessoal. Desenho do aluno Bruno 3º Ano Ensino Médio, 2023.

Na fase da lua minguante não é boa para plantar; no entanto é excelente para tirar madeira, palha para construção de casas.

Em uma entrevista com a professora Edna Monzilar, ouvimos que:

A roça escolar deu-se o início no ano de 2015, através de conversa com a comunidade escolar, e que de início teve uma concordância com a comunidade geral, alunos e professores e cita ainda que teve pesquisas com anciões da aldeia para obter um aprendizado em relação a roça e com relação aos alunos se for fazer uma linha do tempo os professores plantaram uma semente, e que avançou muito e tem alunos que gostam e quebrou a barreira de uma escola “normal”. (MONZILAR & GENIELE, 2022, p.219).

Conforme a professora Edna, a construção da roça tradicional rompeu com o paradigma de uma aula entre quatro paredes, onde os professores e alunos e comunidade tiveram uma aprendizagem juntos através de entrevistas com os anciões e anciãs da comunidade para depois realizar na prática. Sobre isso Meliá Relata: “Entre os métodos indígenas, um dos principais é a participação da comunidade na ação pedagógica. É precisamente a participação da comunidade que assegura uma alteridade bem entendida”(Meliá,1999,pag.5).

Houve muita resistência ainda por parte de alguns membros da comunidade da aldeia Umutina. Acostumados ainda com o modelo de escola entre quatro paredes. No ano de 2004 foi implantado o Ensino Médio na escola estadual de Educação Indígena Julá Pará. Em 2009, comecei a fazer a Especialização em Educação Escolar Indígena, onde tive o prazer de fazer a leitura do livro: Educação na diversidade: experiência e desafios na educação Intercultural Bilíngue, que diz a respeito dos direitos políticos, culturais e educacionais conquistados pelos povos indígenas, por meios de suas lutas e resistência, afirmada na constituição Federal de 1988, constituem um instigante desafio para as políticas públicas.

Amparado por essas leis e baseado e firmado no apoio da comunidade, começamos a fortalecer cada vez mais as práticas pedagógicas. Assim, a escola Julá Pará ganhou um novo sentido. Neste período lecionei nas disciplinas de biologia, química e física para algumas sérias e práticas agroecológicas. Nesse período houve resistência por parte de alguns estudantes que imaginavam que os professores indígenas não estavam capacitados para lecionar no Ensino Médio.

Ainda que o Estado tenha feito a criação das escolas indígenas como sistema diferenciado, no entanto ainda existem muitas especificidades a serem vistas, como é

proposto por Tassinari. “Trata-se de entender a escola indígena como um espaço de índio e de não - índio e, assim, um espaço de angústias, incertezas, mas também de oportunidades e criatividade”. (TASSINARI, 1997, p. 68) pois, cada etnia tem sua maneira de se organizar, de pensar, línguas diferentes enfim culturas diferentes.

3.3. Ensino, Práticas Pedagógicas e Interculturalidade

Os povos indígenas sustentaram sua sobrevivência graças as estratégias próprias, das quais as ações pedagógicas tem sido importante para reafirmar nossa cultura e nossa identidade, nesse ponto de acordo com Meliá:

Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite o modo de ser e a cultura venha a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas. Educação indígena na escola. (MELIÁ, 1988, p. 12).

Podemos constatar que as afirmações de Meliá (1988) e por Monzilar (2012, p. 35) sobre resistência dos Umutina perante as situações imposta da época:

Analisando os fatos que ocorreram na história dos Umutina, apesar da tragédia lastimável que correu do contato com a sociedade colonizadora, o povo Umutina conquistou grande avanço, teve avanço e sabedoria estratégias para sobreviver após o processo de contato. Hoje a população vem aumentando, totalizando cerca de 480 pessoas. Este aumento é significativo para o povo que no passado teve o registro de ter chegado a apenas 23 pessoas.

Para os Balatiponé-Umutina não significa sobrevivência apenas fisicamente, mas conseguiram manter sua cultura apesar de silenciosa até determinado tempo, que agora continua buscando fortalecer cada vez mais sua cultura de modo geral e se firmar em sua alteridade. Para isso busca em conjunto com as famílias, a comunidade e principalmente a escola que tornou um local de referência de discussão e decisões para melhoria do bem-estar do povo. Esse processo de colonização e a estratégia de resistência também aconteceu com o povo Tapirapé como aponta Paula (1981, p. 81),

Os atuais são remanescentes de um povo que contava aproximadamente com 1500 no início do século XX. Por volta de 1952 estavam reduzidos a apenas 47 pessoas, quando as irmãs de Jesus, religiosas católicas de origem francesa, chegaram à região para conviver com eles. Epidemias de gripe, varíola e sarampo, além de repetidas ataques dos caiapós, os levaram à beira da extinção. A ação paciente e respeitosa das irmãs, assegurando uma contínua assistência à saúde, possibilitou uma recuperação populacional surpreendente e animadora. Hoje somam 420 pessoas.

Analisando o processo histórico desses povos podemos observar o quanto o sistema da época os massacrou e podemos notar que são povos que continuam resistindo perante o sistema majoritário da atualidade. Neste momento buscam a afirmação na educação como forma de resistência, fortalecendo o espaço territorial, mantendo suas culturas.

Entre os Umutina o processo escolar se deu por volta de 1943. Um sistema de ensino integrador para adequar os indígenas a civilização, podendo todo seu modo de viver, de falar suas línguas maternas, de praticar seus cultos e rituais um conflito de interculturalidade. Essas questões são colocadas por Ângelo. “Um dos instrumentos mais utilizados pelos colonizadores, pelos missionários e pelos governos para aniquilamento sociocultural das populações indígenas foi a escola (ANGÊLO, 2009, p.50)”. Esta autora ainda continua, “Nesses quinhentos e cinco anos de existência travou-se uma batalha cultural. A escola para índios solapou as culturas, as línguas, os costumes e as práticas pedagógicas tradicionais indígenas”.

A cultura Umutina estava de certa forma bastante enfraquecida tudo devido o histórico bastante desastroso.

Após vários anos de discussões entre os professores, lideranças e comunidade, essas discussões se firmaram no ano de 1990. Segundo Monzilar. “Ao final a comunidade decidiu que, a partir daquele momento, os que morassem ali, seriam considerados Umutina Balatiponé, afinal era a cultura Umutina que estava mais ameaçada (MONZILAR, 2012, p. 37).

Este acordo foi firmado entre os anos de 1990 e 1995. Esse acontecimento foi muito marcante na história do povo em questão. A partir desse momento, começa a autoafirmação e fortalecimento da identidade dos Balatiponé-Umutina. Acompanhado da comunidade, as lideranças, alunos, professores e principalmente os anciões foram pessoas fundamentais para iniciação da busca de uma interculturalidade, alteridade dentro da escola e dentro do Território Umutina. Os saberes culturais começam a florir e serem

ensinados pelos anciões da época. Porém, como já colocamos, havia muita resistência por parte dos alunos e pais. Nessa direção, a luta pela educação diferenciada representa a resistência aos modelos implementados pela sociedade majoritária e tem como marco a Constituição Federal de 1988. E dessa forma os próprios indígenas juntamente com as pessoas interessadas na causa indígena começam a luta por uma Educação diferenciada e de qualidade.

A partir de 2001 com o ingresso de professores indígenas no Curso de 3º Grau Indígena em Barra do Bugres, possibilitou trazer novos fundamentos para as questões culturais indígenas e sua valorização. Uma nova fase se inicia e os professores Umutina começaram a incorporar na escola a necessidade de uma escola indígena específica e diferenciada como está garantida em lei e citado na Orientação Curricular de 2008 e 2010.

As iniciativas educacionais desenvolvida pela SEDUC em comunidades Indígenas atendem ao duplo objetivo da legislação federal atual: 1º proporcionar aos índios, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas e a reafirmação de suas identidades étnicas; valorização de suas línguas e ciências; 2º garantir aos índios, sua comunidade e povos o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científico da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (LDB, 2000, p.7).

A Escola Estadual Indígena Julá Pará teve um avanço bastante significativo em pouco tempo como diz Monzilar (2012, p.38). “Outro fato importante foi os anciões terem começado a transmitir e ensinar a língua Umutina para as novas gerações com o objetivo de serem conhecedoras da tradição do povo Umutina”.

Assim como também, foi colocado em prática o conhecimento da roça tradicional que passou a ser inserido dentro das atividades escolares. A roça por sua vez trouxe uma riqueza muito grande de aprendizagem para os estudantes. Os professores também criaram a semana cultural, a pesca do timbó, aula de campo no território Umutina, jogo indígenas com campeonato de arco e flecha, e os intercâmbios com escolas da região e da capital que passaram a ser novas práticas pedagógicas inseridas no currículo e Projeto Pedagógico da Escola. São alguns dos temas criado com objetivo de fortalecer e registrar a cultura. Entre os aspectos importantes estão a música, as danças tradicionais. Pois, o povo Umutina sempre cantam e dançam para pedir fartura e para agradecer.

Baseado na proposta de uma roça medicinal, como já dissemos, iniciou-se o projeto da roça pedagógica. Aqui colocamos como foi a organização para a construção das roças de medicinas tradicionais e da roça tradicional como prática pedagógica. Os

professores perceberam que muito famílias não utilizavam mais as plantas medicinais como remédio e havia um alto consumo de remédio da farmácia local. Primeiramente, os alunos foram divididos em turmas, em seguida elaboraram as questões a serem feitas para os entrevistados. Logo após, foram realizar pesquisas com os anciões, anciãs da aldeia Umutina e também com os enfermeiros e agentes de saúde. Com os agentes de saúde buscaram apontar quais eram os remédios mais consumidos pela população do local e qual eram os seus possíveis efeitos colaterais.

Com os anciões buscaram saber todos os tipos de plantas que são utilizadas como remédio. Como são feitos o preparo para o consumo e para quais doenças cada uma delas servem. Depois na prática prepararam cada remédio e socializaram coma comunidade escolar, ou seja, fizeram a apresentação dos seus trabalhos e pesquisa. Nesse momento, estavam presentes os entrevistados que foram os professores. Os anciões, também presentes explicaram para que servia cada planta, seu modo de preparar e onde podia ser encontrado na mata. Os agentes de saúde e enfermeiros explicaram sobre os remédios da farmácia e seus efeitos colaterais e ao final concluíram que a maior parte dos remédios é extraído das plantas e que tem o mesmo efeito sendo que a maioria dos remédios caseiros não tem contraindicação. Foi um momento muito rico de aprendizagem para os alunos para os professores e para a comunidade em geral.

Somente a partir da pesquisa realizada pelos estudantes foi possível dar início a horta medicinal. Escolhendo o local para fazer a horta e em seguida buscaram no mato as mudas das plantas medicinais. Depois, anos mais adiante foram plantadas mudas de plantas frutíferas neste local. Com passar dos anos a comunidade escolar perceberam que podiam fazer a roça de toco tradicional. Um dos objetivos foi de ajudar na merenda escolar e outra e mais importante, trazer para dentro da escola o conhecimento ancestral dos Umutina e sua importância sobre a roça tradicional. Para isso houve uma profunda pesquisa por parte dos alunos orientados pelos professores, com pessoas detentoras desses conhecimentos.

Foram descobertas muitas coisas interessantes. Uma delas Foi seguir o ritual para fazer uma roça. Escolher o local ideal, fazer cerimônia para pedir permissão para derrubar a mata com comida e bebida tradicional, incluindo todas as danças e as músicas tradicionais. Seguir o calendário para o plantio, os marcadores de tempo, os espaçamentos do roçado. Quando falamos em cerimônia abrange muitas coisas. Como fazer os preparos dos alimentos, fazer a xixá exige um conhecimento, fazer o ensaio das danças e músicas

e os ensinamentos dos adornos para os estudantes, a importância dos mitos das origens dos produtos plantados na roça.

Fig. 11: crianças Umutina Balatiponé dançando no ritual da roça.



Fonte: arquivo da Escola Estadual Indígena Julá Paré, 2018.

Dentro do processo de construção da roça tradicional, é importante saber quais árvores podemos derrubar, em que fase da lua podemos plantar determinadas plantas, em que dia da semana, quais os sinais dos marcadores de tempo que indica que a chuva está próxima, como plantar, como cuidar das plantas é a época boa para a colheita, como já apontamos na entrevista com os anciãos. Dessa forma, tornou-se fundamental a roça tradicional de toco para os alunos, professores e comunidade. Nessa roça plantou-se mandioca, banana, abóbora, melancia, abacaxi e milho. Com isso aprofundamos os mitos pois, cada produto da roça tem suas narrativas míticas. Assim, podemos concluir que, a roça não é somente sustentabilidade alimentar, mas também, sustentabilidade de conhecimentos milenares riquíssimo que jamais podemos esquecê-los ou diminuí-los.

A semana cultural é um passo a mais para fortalecer a cultura Balatiponé-Umutina. Inserida no calendário escolar vem buscando fortalecer cada vez mais os

conhecimentos tradicionais. É uma semana que todos os alunos, professores, anciões e anciãs e pessoas da comunidade fazem parte deste evento dentro da escola. Nesses dias alguns pais tornam-se professores de outros participantes. Cada Professor faz seu planejamento e escolhe o que trabalhará, seja no trançado de cesto, esteira, flecha arco, bracelete cocal, danças, músicas e demais artes.

Cada professor com sua turma busca a matéria prima para confecção dos artesanatos. Os estudantes aprendem a desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo o que é de natureza dos indígenas. Ultimamente, percebemos que a valorização dos artesanatos vinha enfraquecendo, mas a partir de que a escola começou a trabalhar junto com a comunidade podemos dizer que esses saberes ergueram novamente. Os artesanatos produzidos e confeccionado rotineiramente pelas mulheres e homens artesões, passou a ter não somente visão de mercado, mas forte expressão cultural e social.

E os intercâmbios escolares com as escolas não indígenas da região, serviram também, como suporte de valorização desses conhecimentos. Pois, as escolas que vem de fora apreciam bastante os trabalhos feitos pelos artesãos e artesã, além de ter uma troca de conhecimento entre as pessoas como é colocado por Tássinari (1997, p. 55),

Atentos para o contato e os espaços de intercambio, enfatizam a resistência não da tradição em si, mais da própria diferença, prevendo, assim a manutenção da diferença em si, mesmo quando mudam as populações e tradições.

Nesse sentido, também a cerimônia do timbó e campeonato de arco e flecha todos com objetivos específicos voltado para a cultura fortaleçam na ressignificação da cultura do povo. Atualmente esses conhecimentos estão entrelaçados com o conhecimento científico dos não índios. Os objetivos do campeonato de arco e flecha não eram o de apenas participar e ganhar. Mas fazer com que os alunos aprendessem a construir seus próprios arcos e suas flechas que estavam sendo esquecidos. Esses instrumentos considerados como símbolos de resistência. Assim como a prática do timbó que a princípio parece apenas lazer e entretenimento. Mas não é isso, é uma forma de fonte de alimento para os indígenas e onde são ensinados e aplicados todo um conhecimento para os jovens que vai desde a procura da lagoa adequada até a hora que for flechar os peixes e seus preparo para o consumo. Tudo em uma sequência planejada dentro do conhecimento tradicional. E aqui fazemos uso das palavras de ZOIA que nos diz:

Graças a esse cenário de mudanças cabe o destaque a pressão dos movimentos indígenas, a ruptura na inanição da legislação anterior e a mobilização da

sociedade, criaram, portanto, as condições de implantação de uma prática escolar, agora entendida, como já situamos anteriormente, como instrumento de defesa e afirmação dos interesses dos povos indígenas. (ZOIA, 2010, p. 79).

Fig: 12 Alunos e professores fazendo a colheita de milho.



Fonte: Arquivo da escola, 2019.

A Escola Estadual Indígena Julá Pará vem ganhando um novo significado e um novo sentido, preparando os alunos para o enfrentamento dos desafios interno da aldeia e preparando para compreensão dos mecanismos que envolvem a sociedade dos não índios. Dessa forma, pode-se notar que a escola indígena precisa de muitas mudanças para melhorar, mas muitas escolas indígenas estão encontrando meios de se firmar na

sociedade envolvente e se firmar sem perder sua alteridade mudando as práticas pedagógicas e descobrindo como dialogar com a interculturalidade e aqui busco me fortalecer nas palavras de Meliá (1979, p. 16).

Por diversos motivos a educação indígena teve momento de excessivo acanhamento, quase sem coragem para reclamar sua autonomia seus direitos. A educação indígena não é a mão estendida à espera de esmola. É a mão cheia que oferece a sociedades uma alteridade e uma diferença, que nós já perdemos. O ava haicha é uma fonte de inspiração, não uma simples condescendência para povos minoritários.

Sabemos que o sistema educacional e a cultura não é estática. Por isso, acreditamos que as escolas indígenas estão longe de atingir sua perfeição pois o sistema funciona em um movimento quase invisível. Dessa forma, qualquer educação não chegará no final do caminho, porque sempre tem a direção por diversos caminhos e caminhos diferentes mais na trajetória desse caminho podemos fazer com que essa viagem seja a melhor possível e temos que ater sempre às mudanças.

CAPÍTULO IV: AS NARRATIVAS DO POVO BALATIPONÉ-UMUTINA SOBRE A ORIGEM DOS ALIMENTOS TRADICIONAIS

As origens dos alimentos produzidos na roça são muito importantes pois, é através deles que o povo Balatiponé-Umutina educa as crianças, principalmente em relação a valorização dos alimentos e da natureza, mostrando forte ligação desde os tempos milenares até a atualidade. Através das narrativas fazem com que os estudantes busquem um olhar amplo sobre a alimentação tradicional. Porque torna claro que todos os alimentos faziam parte da cultura do povo desde antigamente. A transformação das ideias e da valorização enquanto pessoas e também a espiritualidade se dava também através dos mitos. Na narrativa mítica sobre a origem dos alimentos uma pessoa da família teve que partir, ou melhor dizendo, teve que morrer para transformar em alimento. Mas, ressuscitou em forma de planta que serve para alimento de seu povo, neste sentido a pessoa continua vivendo embora de outra forma. Então o que eu planto tem que ser bem cuidado, pois é algo que faz parte de mim e eu desse elemento.

4.1 A Origem do feijão-fava, pimenta e batata doce

Segundo essa narrativa, uma mulher foi a um córrego e achou lá dentro, dentro d'água um lambarizinho muito bonito. Ela o achou tão bonito, por isso enrolou numa esteira pequena, levou para casa e deixou de lado. Depois de algum tempo estava se mexendo, mexendo na esteira. A mulher foi espiar. Tinha virado criança bonitinho. A mulher tinha um marido, mas que não se importava com ela. E ela não tinha filho dele. Por isto a mulher foi pegar o lambari para virar menino para ela. Ela criou a criança como

se fosse dela. Quando já estava grandinho, o menino sempre chamava o homem sempre de pai.

O homem foi caçar. O menino o acompanhou e estava andando devagarzinho. O homem deixou o menino atrás dele, que estava só gritando: “Papai, espera por mim, papai espera por mim”. Mas só assobiando sempre diante dele, não se importava.

O menino enjoou e voltou para casa e contou para mãe dele. Ele disse que nem parecia o pai dele.

Mas a mãe disse que era o pai dele. O menino teimava, teimava que não e que não, e disse: se fosse o pai dele, ele se importava com ele quando pediu para esperar e que só ia assobiando na frente sem importar.

Aí a mãe disse que não era o pai dele e que tinha achado ele como lambarizinho dentro d'água.

- Então é por isso isto que é que ele não esperou por mim, disse o menino.
- Então eu quero morrer! Ele ficou muito triste.

A mulher disse para ele não morrer, mas o menino queria. Ele foi embora e procurou uma árvore baixinha da altura de homem. Subiu. Deu um Salto e caiu. Bateu com a cabeça num pau, quebrou o osso e morreu.

A mãe foi chorando...chorando e fez o enterro do menino. A criança fazia muita falta para ela.

Quando o marido chegou em casa. Ela não importou com ele. Estava muito zangada. O homem também não falou nada e fez assim como que o menino vinha atrás dele.

Ela falou brava com ele porque não tinha esperado o menino e que agora tinha morrido, caído de cima de uma arvorezinha. A mãe enterrou o menino. Quando depois mudaram, deixaram a casa como cemitério.

Depois de muito tempo, estava no tempo das queimadas, queimou o mato todo e pegou fogo no ranchinho onde estava enterrado o menino. Depois da queimada nasceu no meio do rancho, no lugar da sepultura do rapazinho feijão-fava, mandioca, pimenta e batata. Os olhos viraram pimenta e feijão fava, o corpo e braços e pernas viraram mandioca e dos testículos saíram batatas. Tudo isto não tinha antes ainda.

4.2 A origem do milho

Naquele tempo não havia milho ainda. Dizem que está história aconteceu na lagoa onde agora estão os ranchos dos Umutina e outros dizem que foi na barra do rio dos Bugres. Houve uma pescaria com timbó. Uma mulher que já tinha dois filhos grandes, foi lá procurar peixes mortos. Ela achou um ovo de sucuri, colocou-o no balaio porque pensou que era ovo de mutum.

Pouco depois ela achou um bagre grande e o atirou no seu balaio. Mas, o ferrão do bagre furou o ovo da cobra sucuri e o líquido gosmento passou pelo balaio e correu entre as nádegas da mulher, entrando no seu ventre.

A mulher ficou grávida, gorda e mais gorda.

Um dia ela foi catar cocos de buriti com os seus filhos. A cobra sucuri ficou na barriga da mulher. Saia as vezes um pedaço e voltava. As pessoas acreditavam que ela ia morrer pelo tamanho da barriga, mas era só a cobra que tinha engordado ela tanto. Quando o cacho veio a cair, o filho mais velho viu a cobra. Ele logo veio e cortou ela em muitos pedacinhos. Pois, não sabia que era seu irmão.

A sucuri tinha pedido a sua mãe quando ela morrer para limpar um pedaço de capoeira e enterrar ela aí.

Quando ela tinha feito isto, esperou secar e ateou fogo. Depois de pouco tempo nesse lugar nasceu milho. Os dois filhos da mulher não sabiam nada disto, somente a mulher sabia. Ela ia lá muitas vezes para ver a sepultura e não dizia nada que lá tinha crescido milho.

Quando o milho já estava grande e bom para comer, levou os filhos dela para ver. Quando o milho começou soltar pendão, quebrou quatro espigas e todos gostaram de comer e queriam mais. Mas ela só deu estes e guardou outros para plantar.

Quando milho estava bem seco e chegou o tempo de fazer derrubada e queimada, saíram para preparar a roça. Então todos perguntaram por que tinha feito as roças. A mulher respondeu que queriam plantar cocos de açai, mas eles plantaram milho e deu para os outros, quatro espigas para plantar. Todos ficaram surpresos e começaram a plantar mais milho.

Assim, nasceu o milho da cobra sucuri.

Fig: 13 Alunos na cerimônia da roça



Fonte: Arquivo do autor, 2020.

Em meio a realização dessas atividades também houve confraternização com as lideranças do Território Umutina para o início da semana Cultural, onde ouvimos as falas de cada liderança. Momento muito importante para que o desenvolvimento da semana, com todas as atividades propostas tenha mais ênfase para os alunos, mostrando como é importante a aprendizagem de todos os saberes tradicionais é importante para a nossa cultura e identidade.

Fig. 14 História da esteira.



Fonte: Trabalho de campo, arquivo do autor, 2022.

Nesse momento, com a participação dos anciões é enfatizado aos estudantes a importância de saber o local de construir uma roça. Eles aprendem que no local onde existem a palmeira babaçu não podem fazer roça pois além da folha da palmeira que serve de cobertura para a cobertura das casas, o broto serve também para fazer vários utensílios principalmente a esteira considerada sagrada.

Reunimos com os alunos para contar um pouco sobre a esteira, suas utilidades e como ela foi importante no passado e até considerada sagrada para o povo Balatiponé-Umutina. Pois, a esteira servia como utensílio para colocar os produtos da roça. Foi

exposto para os alunos que antigamente, quando não existia ainda cobertor nem caixão de madeira os Umutina, quando alguém vinha a falecer, eles iam na mata buscar os melhores brotos para fazer o trançado da esteira para cobrir, enrolar e cobrir seus entes queridos, antes de ser enterrado.

Feito isso enterravam o corpo dentro da oca e ficavam em luto de três dias há uma semana. Durante esse período ficavam cantando música de lamentações, música melancólica e profunda acompanhada as vezes de choros, canto muito triste que as vezes chegavam abalar a alma. Após, esse tempo já conformado com a perda do parente, abandonavam a moradia e colocavam fogo na oca e buscavam novo local para construir moradia. Para preencher a perda do parente alguém da família dava um animal, pássaro de estimação que passa a ser parte da família, acreditando que a pessoa falecida venha encarnar no pássaro ou animal que recebeu de presente.

4.3. Coleta do broto de babaçu

É importante saber o local onde podemos encontrar a palmeira babaçu de onde é retratado o broto, matéria-prima de que é confeccionado a esteira. Na aldeia existem muitos locais onde podemos encontrar o babaçu. Mas, escolhemos encontrá-lo mais próximo da escola, andamos cerca de um quilômetro em direção ao porto de cima do rio Paraguai, onde selecionamos, aqueles mais adequado para o trançado. Conseguimos coletar uns dez brotos e voltamos para a escola. Ao chegarmos na escola, começamos o procedimento de estalar a palha que é o processo em que tem como finalidade deixar as palhas dos brotos na posição do trançado. Feito isso, deixamos ela no sol para secar e no outro dia iniciamos o trançado. No início houve bastante dificuldade, pois, são vários estudantes para dar atenção e auxiliar ao mesmo tempo. Mas, logo os alunos aprenderam o básico do trançado. Uns conseguiram fazer de início uma parte a, depois duas assim por diante. No dia seguinte, seguimos com o trançado onde muitos dos alunos conseguiram trançar sozinho e outros apenas com ajuda. O mais importante foi que os alunos que conseguiram trançar ajudaram aqueles que tinham dificuldade.

Durante três anos produzimos muitos produtos na roça escolar, no entanto, chegou uns anos que por força da natureza tivemos que parar, pois as plantações já não desenvolviam mais por escassez da chuva, também houve muitos focos de incêndios. Dessa forma, buscamos a compreensão do porque estava acontecendo esses fatores e

ainda outro fato mais complexo é que nosso riozinho que passa na aldeia se tornou invisível, isto é, ele secou. Então cada professor fez pesquisas, cada um com sua turma desenvolveram atividades que pudessem dar explicação a esses fatos que nunca imaginávamos que poderia acontecer. Com pouca água não tem roça. Assim foi feito um planejamento para desenvolvimento das atividades.

Fig: 15 Alunos e professores após a colheita.



Fonte: Aula de campo, arquivo do autor, 2020.

Este item a seguir é uma introdução para início de trabalho de pesquisa juntos aos alunos. Visto que o riozinho Dezoito havia secado por falta de chuva e sem chuva as plantações na roça escolar não desenvolveram. A nossa escola desenvolve trabalhos voltados para as problemáticas da comunidade, do município, estado no país.

O povo Balatiponé-Umutina na atualidade, está distribuído em várias aldeias localizadas no espaço do Território Umutina e a Escola Estadual Indígena Julá Pará fica na aldeia central com o nome de Aldeia Umutina localizada no município de Barra do Bugres, médio Norte do Estado de Mato Grosso. O povo Umutina dominavam um vasto território desde o rio Sepotuba até, Bugres e Paraguai, onde praticavam a caça e a pesca. Com a chegada dos colonizadores ao Mato Grosso, o povo Umutina, acabou perdendo essa liberdade, especialmente através das pressões dos seringueiros e poaeiros, que adentravam a região, causando conflito e mortes aos Umutina. Segundo Eliane

Boroponepá Monzilar, isso foi uma das muitas implicações na perda de traços culturais, onde ela diz:

A Convivência com a sociedade envolvente implicou grande mudança para o povo Umutina, agora está se organizando e revivendo a sua cultura de modo a manter o sustento para viver e garantir o sustento e garantir a sustentabilidade, nas dimensões sociais, territorial e ambiental (MONZILAR 2012, p. 13).

Esta autora ainda argumenta que, “A comunidade e os professores Umutina vem buscando na escola, a revitalização da cultura, o que foi proibido no passado. Incentivando crianças e jovens a praticar a cultura original dos Umutina” (IBIDEM).

Ainda de acordo com os estudos realizados pelos estudantes esperou-se que nossos alunos e alunas pudessem observar as mudanças de infiltração em cada processo da experiência, pois em cada um dos processos a mudança na cor da água e que naquela que tinha a grama a água escorria mais limpa. Mostrando a importância das árvores nas margens dos rios e córregos, pois são as árvores responsáveis pela infiltração da água e a retenção delas na superfície.

Após feito esses trabalhos, fizemos a socialização dos trabalhos dos alunos com todas as turmas. Onde cada aluno fez sua conclusão. Essa socialização foi feita através de cartazes, desenhos, texto, poesia, fotos, vídeos, relatos. O mais importante: chegar à conclusão de que é muito importante ter e manter a consciência da importância dos rios e nosso córrego Dezoito e colocar em passar para os pais em suas casas enfim para a comunidade Umutina.

Aqui mostraremos através das fotos como o riozinho estava alguns dias antes e, os grupos se apresentando e mostrando como é relevante a etnociência construindo lado a lado com outros saberes.

Fig. 16: Atividade: infiltração da água no solo.



Fonte: Pesquisa de campo, arquivo do autor, 2020.

Fig: 17 Apresentação de experiencia sobre a água.



Fonte: arquivo pessoal autor, 2020.

Fig: 18: Trabalhos feitos através de cartazes.



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2020.

Fig: 19. Alunos observando o Riozinho.



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

Fig: 20. Córrego Dezoito, quase seco.



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

Esta imagem, mostra como a erosão pode prejudicar os rios. Com intuito de promover, buscar ligações entre os conhecimentos acredito que possamos desenvolver mais trabalhos concretos acompanhado dos conhecimentos da etnociência, etnobiologia, etnoquímica e a ciência. Pois através das pesquisas e experiências trabalhamos a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade dentro da escola.

Isso nos mostra que podemos polarizar saberes para solucionar o problema, pois se atingimos ações de conscientização significa que possamos ir mais além, bem como projetos, que abrange ações maiores como de reflorestamento das margens do córrego

Dezoito, com árvores nativas do próprio local. Pois sem chuva e sem água não temos como prosseguir com as roças e sem roças não há alimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada pesquisa nos mostra novos horizontes, novas descobertas, e ainda podemos redescobrir e despertar para novos conhecimentos descobrindo fronteiras de saberes que trazendo esse conhecimento dentro da escola terá mais significado no que diz à aprendizagem. Mas também ter sentimentos mais profundos a respeito da natureza, onde aprendemos sobre a natureza e aprendemos com a natureza.

Compreendemos que é admirável ter e manter o conhecimento tradicional e, também, o conhecimento científico da sociedade envolvente e entendemos que só através da educação, será possível garantir à população indígena o exercício pleno da cidadania e da interculturalidade e o respeito à nossa particularidade cultural.

E destacamos que por muito pontos que surgem em relação ao ensino e aprendizagem devemos propor um caminho constituído de uma nova postura pedagógica para promover um possível produto de qualidade no evento educativo. Pois, desta maneira o estudante terá condições de identificar e compreender os problemas atuais, de criticá-los e de propor soluções, além de sentir corresponsável por eventuais mudanças.

Com este trabalho foi possível perceber a importância de se tornar mais transparente o processo tradicional cultural da construção de uma roça de toco do povo Balatiponé-Umutina para a nossa comunidade. Porque a roça de toco é um dos maiores suporte da identidade cultural do nosso povo. Também é um meio pelo qual os indígenas podem lutar pelos seus direitos.

Pois, acreditamos que nenhuma instituição ou pessoa pode ignorar as pesquisas que são realizadas a nível de graduação e pós-graduação, principalmente aquelas feitas por estudantes indígenas. Através deste trabalho, colocamos a disposição de todos o direito de saber sobre as práticas pedagógicas escolares na construção da roça de toco tradicional do povo Balatipone-Umutina e ao mesmo tempo de conhecer, valorizar e respeitar.

Neste trabalho foi possível detectar a riqueza de conhecimento que estava subentendido na construção de uma roça tradicional de toco e que este trabalho poderá subsidiar a discussão histórica sobre os Balatiponé-Umutina. De outro modo poderá contribuir para fortalecer e desenvolver no estudante uma perspectiva mais colaborativa na relação com os recursos naturais de seu Território e sua comunidade.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, ELIZABETH A. R. Espaços Culturais e Eixos Temáticos: Uma abordagem da Roça Myky como Proposta Pedagógica. In: GRANDO et al. (Orgs.). **Saberes e identidades:** povos, culturas e educações. São Carlos: Pedro & João editores, 2017, p. 49-59.

ÂNGELO, Francisca Navantino Pinto. **Educação Escolar e Protogonismo Indígena. Cenário e Perspectivas. Coletania Educação Escolar Indígena** (Orgs.) Darci Secchi e Terezinha Furtado de Mendonça, Ed.UFMT. Vol. 4 Cuiabá, MT, pag. 50 – 128. 2009.

BELTZ, Leilacir. **Roças indígenas no Estado de Mato grosso:** Educação Ambiental e Sustentabilidade entre os estudantes da Faculdade Indígena Intercultural. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais), Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2012.

BOFF, Leonardo. **A tolice das análises Econômicas atuais.** Pag. Primeiro, 20/11/2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: FERRARO JUNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 85-91.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

IPAQUIRI, Roseli Manepá: **A roça do Povo Umutina.** Trabalho de conclusão de curso de graduação. Unemat- Barra do Bugres. 2016. Pag.31.

MONZILAR, Osvaldo Corezomaé & COREZOMAÉ, Geniele dos Reis. **Roça escolar tradicional do povo Umutina** In STIELER, Mariuce Campos de Moraes et ali. Terra como princípio educativo II. São Leopoldo: Oikos, 2022

MELIÁ, Bartolomeu: **Educação indígena na escola.** Cadernos Cedes, ano XIX, Nº 49, dezembro, 1999.

ROBERT, Pascale et al. **A beleza das Roças**: agrobiodiversidade Mebêngôkre-Kayapó em tempos de globalização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol.7, no.2, Belém, 2012.

SECCHI, Darci. **Profesores indígena em Mato Grosso**- Cenário e Perpectiva. Ed. UFMT. Pag. 78 e 79. Vol. 4 Cuiabá, MT 2009.

SILVA, Solange Pereira. **Indigenismo alternativo: No compasso da Educação Intercultural**. Coletânea Educação Escolar Indígena. (orgs) Darci Secchi e Terezinha Furtado de mendonça. Pag. 75. Edu. UFMT. Cuiabá, MT 2009.

SIMINSKI, ALEXANDRE; FANTINI, Alfredo C. **Roça-de-Toco**: uso de recursos florestais e dinâmica da paisagem rural no litoral de Santa Catarina. Ciência Rural, vol.37, no.3, Santa Maria, 2007.

SHULTZ, Araldz. **Vinte e Três Resistem a Civilização**. Edição Melhoramento. Pag. 48 São Paulo 5/ V-4. 1953.

ZITKOSKI, Jaime José. Visões Epistemológicas da Ciência. In **Caderno Pedagógico**. Ano VI, nº 11 e 12, URI, Frederico Westphalen, 1996.

ZOIA, Alceu. **A questão da Educação Indígena na Legislação Brasileira e a Escolar Indígena**. (Orgs) Beleni Saléte Grandó e Luiz Augusto Passos. Contribuição para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola. Pag. 79. Edu. UFMT. Cuiabá, 2010

PRODUTO EDUCACIONAL



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO
GROSSO**

CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO

CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



OSVALDO COREZOMÁE MONZILAR

**PASSO A PASSO DA CONSTRUÇÃO DE UMA ROÇA
TRADICIONAL UMUTINA**

Barra do Bugres – MT

2023

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE BARRA DO BUGRES
FACULDADE INDIGINA - FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
INTERCULTURAL INDÍGENA

OSVALDO COREZOMAÉ MONZILAR

PASSO A PASSO DA CONSTRUÇÃO DE UMA ROÇA
TRADICIONAL UMUTINA

PRODUTO PEDAGÓGICO de
Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade do Estado de Mato Grosso, como
parte das exigências do Programa de Pós-
Graduação Educação Intercultural Indígena
para obtenção de Título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição
Patrocínio Pereira.

Barra do Bugres – MT

2023

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Colheita de milho verde. Foto do autor, 2022

Figura 02- Criança Umutina, aprendendo a dança cultural. Foto professor

Figura 03 – Alunos ouvindo os mitos dos alimentos. Foto do autor, 2022.

Figura 04 – Criança Umutina usando o Hakikano e Bodô. Foto do autor, 2022.

Figura 05 – Alunos usando o Hakikano e o Bodô para aprendizagens das danças culturais. Foto do autor, 2022.

Figura 06 - Pai de aluno ensinando os estudantes a trançar o a saia e o bustiê. Foto do autor, 2022.

Figura 07 - Estudantes Umutina com seus trajes tradicionais. Foto professor Leocílio, 2020.

Figura 08- Roça de toco escolar. Foto do autor, 2019.

Figura 09 – Alunos do ensino médio e fundamental a caminho da roça. Foto do autor, 2019.

Figura 10 – Em busca do local ideal para construir a roça escolar. Foto do autor, 2019.

Figura 11- Alunos terminando a derrubada. Foto do autor, 2019.

Figura 12 – Início da queimada da roça escolar. Foto do autor, 2019.

Figura 13- Alunos limpando a roça escolar. Foto do autor, 2019.

Figura 14 – Estudante aprendendo a cortar a rama de mandioca. Foto do autor, 2019.

Figura 15 – Estudante plantando rama de mandioca. Foto do Autor, 2019.

Figura 16 – Roça escolar com os produtos crescendo. Foto do autor, 2019.

Figura 17 – Estudante fazendo a colheita do milho verde. Foto do autor, 2019.

Figura 18 – Professor ensinando os alunos a tirar a raiz da mandioca. Foto do autor, 2019.

Figura 19 – Professor ensinando a ralar a mandioca no ralador manual. Foto do autor, 2022.

Figura 20 – Alunos vindo da roça após a colheita. Foto do autor, 2019.

INTRODUÇÃO

A construção de uma roça tradicional Umutina tem como objetivo na área de saberes indígena pretende-se: compreender os saberes milenares do povo Balatiponé Umutina, passo a passo para construir uma roça tradicional. Valorizando e defender os saberes Umutina como elementos que proporcionam identidade étnica e se constituem em memória coletivo. Reconhecer traços que singularizam, no povo Umutina, os saberes desde o início da permissão para construir a roça até a colheita para produzir os alimentos. Refletir sobre as dificuldades que encontramos atualmente, dentro da aldeia Umutina bem como os problemas ambientais atuais. Propiciar a autoestima dos alunos enquanto pertencente a etnia Umutina com os seus elementos culturais distinto.

Fig. 1: Colheita de milho verde



Fonte: Pesquisa de campo, foto do autor (2022).

A ideia da roça escolar iniciou com o propósito de uma roça de plantas medicinais idealizado pela professora Eliane Monzilar, com objetivo de valorizar e manter os conhecimentos tradicionais do povo Umutina a respeito dos remédios usados desde os antepassados. Para realização da roça primeiramente tivemos reuniões, diálogo com a comunidade escolar, estudantes, professores, CDCE, da escola.

Nessa reunião, foi ressaltado a história da roça para a cultura do Povo Balatiponé, assim foi relatado desde o início do trabalho, objetivo e metas. Em seguida foi feita entrevista com os anciões e anciã da comunidade com os alunos e professores da escola Julá Pará. Consequentemente foi escolhido o lugar do mesmo. Onde foram plantadas várias plantas usadas pelo povo Umutina como remédio. Mais tarde na mesma roça foram plantadas várias árvores frutíferas. Logo após houve a mudança de gestor onde o professor Laércio Amajunepá sugeriu para os professores, por que não fazer uma roça de toco escolar juntamente com os professores e alunos.

Uma vez passado o projeto para os alunos todos concordaram em realizar a roça, na primeira roça plantamos mandioca, no segundo ano plantamos mandioca e bananas, no entanto para fazer essa roça de toco primeiramente foram realizado pesquisa através de entrevistas com os anciões da aldeia, onde os alunos coletaram as informações necessárias para fazer o plantio. Em seguida procuramos o local ideal para a roça.

Fig. 02:

Crianças Umutina, aprendendo a dança cultural



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

No início apresentamos projeto para os estudantes, em seguida foi contada a o mito do alimento. Pois através dos mitos buscamos compreender e valorizar os nossos alimentos tradicionais pois tudo aquilo que nos alimenta fazia parte de nós e por isso dependemos deles.

Na sequência preparamos para as danças tradicionais para pedir permissão aos espírito da natureza para derrubar a mata onde será construída a roça escolar. Momento de aprendizagem: dos passos das danças, as músicas, os adornos para danças, masculino e feminino, as comidas típicas.

Nos passos da dança as crianças são postas entre os alunos mais experiente, para que elas acompanhem os passos com mais facilidade. As músicas não são todos alunos que tem essa vocação, cabe ao professor ou o ancião observar qual aluno tem afinidade com a música para que no futuro seja o mestre da música. São várias as músicas do ritual e duas músicas e danças são apresentadas com mulheres. No caso dos adornos, os preparativos e os ensinamentos são feitos anteriormente, pois as matérias primas são minuciosamente escolhidas pois todos querem ficar lindos e perfeitos para as apresentações. Os vestuários masculinos construídos são: bolo ou bodô, hakikano, colar de dente, brinco, as pinturas corporais. Os vestuários femininos: saia, bustiêm, brinco feminino, colar feminino e pintura corporal. As bebidas são feitas de arroz, milho, raspa de mandiocas e de algumas frutas silvestre como: bacaba, buriti, açai,

1.1. Formas de avaliação e atividades desenvolvidas

Os alunos são avaliados conforme sua participação e desempenho em todas as atividades desenvolvidas dentro e fora de sala de aula. Na sua expressão oral e escrita, curiosidade e criatividade.

Esta proposta está voltada para os alunos do 6º ano ao 9º ano e ensino médio.

Atividade. 1. Elaborar conceito de organização.

Tempo: 2 aulas de 45 minutos.

Objetivo:

- Avaliar o aluno quanto seu conhecimento sobre saberes indígenas.
- Incentivar a produção de textos.
- Elaborar definições, conceitos.

Metodologia

Explicação sobre o conceito dos saberes indígena voltada para construção da roça tradicional do povo Umutina, dando exemplificações de como a organização faz parte do nosso cotidiano, em nossas construções, alimentação tradicional, festa tradicional,

utensílios, adornos, instrumentos musicais pinturas corporais e fases da Lua para o plantio.

Serão feitas pesquisas de campo, entrevistas com os anciões, anciãs, professores e alunos. Após este trabalho, os alunos deverão escrever um texto dos depoimentos das pessoas entrevistados. Esses textos deverão ser corrigidos pelo professor, em seguida, passados a limpo para serem entregues.

No final serão avaliados conforme o texto escrito, participação nas discussões sobre o assunto, interesse na atividade proposta.

1.2. Exemplo de atividades realizada pelos alunos

CONCEITO DE ORGANIZAÇÃO

Podemos definir qualquer tipo de organização como um conjunto de duas ou mais pessoas que realizam tarefas, sejam em grupo ou individualmente, mais de forma coordenada e controlada, atuando num determinado contexto ou ambiente, com vista a atingir um objetivo pré-determinado através da afetação eficaz de diversos meios e recursos disponíveis, liderados ou não por alguém com as funções de planejar, organizar, liderar e controlar.

Aluno: Everton Corezomaé Calomizoré

3º ano do ensino Médio.

Professor: Osvaldo C.M.

Data 15/09/2019.

Exemplo de atividades realizadas pelos alunos.

Exemplo de atividades dentro da sala de aula: Através de pesquisa.

Título: Agricultura

Objetivo geral:

Descrever a importância da agricultura que são produzidos alimentos para a subsistência do bem viver.

Objetivo específico:

- 1-Conhecer a importância da agricultura para as pessoas e os recursos naturais.
- 2-Destacar as características particulares da agricultura as relações e diversas forma de exploração do solo.
- 3-Descobrir a particularidades da agricultura as relações de trabalho identificar diferentes formas de manejos de roça.

Introdução

A agricultura tem uma grande importância para cada povo por que todos tem suas histórias mitos de como surgiu os alimentos mandioca, cara, feijão-fava, batata etc.

E todas as comunidades tem seus modos de vida tradicionais na agricultura, é difícil haver doenças nas suas comunidades, por causa dos alimentos que são frutos da terra, e isso ajuda eles a não passar necessidades.

O povo da cidade é sustentado pelo povo da roça, e também a agricultura hoje é umas das principais atividades de alguns povos em diferentes lugares. A agricultura surgiu ainda quando o homem deixou de ser nômade e ter moradia.

Antigamente o povo fazia suas pequenas plantações em campos, capoeiras eles tinham como pequenas ferramentas enxadas, foice, facão, que os ajudavam muito, eles eram pequenos lavradores.

Fruto desse trabalho era a colheita dos alimentos feijão-fava, milho, banana, melancias, cara, mandioca etc.

Antes cada família tinha sua própria roça seus pequenos pedaços de chão, onde eles plantavam todo tipo de alimentos para manter o seu sustento.

Hoje não mudou muita coisa ainda existe famílias que ainda praticam a roça, e também vendem alguns alimentos para o povo da cidade para manter o sustento dos seus familiares. Hoje já existe máquinas que facilitam a produção de alimentos, e quem quiser de a comunidade fazer uma roça ter uma grande expansão de terra é só ter força de vontade para buscar o trabalho na agricultura.

Pesquisa na internet

Tive como pesquisa o principal objetivo da agricultura na produção de alimentos tais como verduras, legumes, frutas etc.

Muitos alimentos e matéria-prima para agricultura são obtidas através da produção agrícola. Portanto, além de proporcionar alimentos para o homem também fornece para as indústrias.

É importante destacar que a expansão da agricultura tem provocado grandes problemas ambientais como desmatamento, queimadas, poluição do solo e da água.

Portanto a razão da importância dessa atividade para os seres humanos é preciso que a agricultura seja praticada com técnicas que evitem os impactos ambientais.

Pesquisa em livros

O principal recurso dos povos e a agricultura de onde extraem o meio para sobreviver, e a terra como sustento.

O trabalho pode ser individual ou coletivo, a terra tem um significado especial não se trata de terra em geral mais de um território particular, cabe a uma pessoa para que ela consuma e distribua para sua família.

Tema: huyaia ketioka

Na aula de vídeo que tivemos sobre o povo huyaia ketioka percebi que aquele povo valoriza muito a agricultura eles também possuem uma grande expansão de terra onde podem praticá-la.

Pesquisa com pessoa.

Esta pesquisa foi feita com o meu pai Matheus Amajunepá, sobre a agricultura, no dia 24-06-2019.

“Antes não tinha tantas máquinas que facilitam na produção de alimentos igual hoje. Era tudo no braço com o suor de cada um, ficavam de baixo de sol e chuva para trazerem sustento para seus familiares. Eles também usavam muito o Boi e o cavalo para ajudar eles a carregar os alimentos mais pesados.

Praticavam muito também a roça de toco, de onde tiravam alimentos para o povo como arroz, milho, mandioca, batata doce, entre outros”.

Metodologia

Esta pesquisa busca a informação de conhecimentos praticado pela agricultura. As pesquisas aconteceram da seguinte forma: primeiro foi explicado como seria o trabalho.

Em seguida foi entregue diferentes tema para cada aluno.

Foram feitas pesquisas em livros, na internet e também com pessoas conhecedoras desses saberes, pôr fim a apresentação na comunidade escolar.

Considerações finais

Esta pesquisa busca os saberes de pessoas na área da agricultura. Como uma forma de aprendizado para os mais jovens, a importância da agricultura para um povo, por que todos tem uma forma de trabalhar e como era a agricultura antes o que mudou.

O trabalho busca desenvolver a importância da agricultura e a valorização. A agricultura para o povo Umutina tem uma importância muito grande porque isso envolve o sustento do povo com suas histórias e mitos.

Fontes bibliográficas: histórias e cultura dos povos indígenas no Brasil, são Paulo: Barsa planeta.

ALUNO: Gabriel Corezomaé Amajunepá

3º ano do ensino médio

Professor: Osvaldo Corezomaé Monzilar

Data: 24/06/2019.

Cap. 02: BODÔ E HAKIKANO PARA RITUAL DA ROÇA: Objeto essencial na arte dos rituais dos Umutina.

Neste momento os alunos aprendem o significado e a fazer o Hakikáno e o Bodô, assim como os quais materiais usar para construção do objeto.

Cada objetos de plumagem tem seu valor seu significado desde o momento que ele é confeccionado, os materiais são selecionados minunciosamente e construído com extrema perfeição, pois são objetos que, além dos guerreiros estarem usando fisicamente há certos rituais que os espíritos dos antepassados estarão incorporados nos guerreiros.

Fig. 03: Alunos, ouvindo os mitos dos alimentos.



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Importante este momento em que os alunos ouvem as histórias dos alimentos e também momento de pedir permissão para os espíritos da floresta que iremos construir a roça, mais sem prejudicar a natureza e quando for a época da colheita da mandioca do milho e dos outros produtos plantado na roça nós iremos agradecer e oferecer a eles e que eles possam nós ajudar a cuidar da roça para não faltar alimento para os nossos alunos e na nossa comunidade. Podemos analisar que todo estão a caráter, desde os pequenos aos maiores, no entanto para construção de cada adorno a um processo de aprendizagem importantíssimo para as crianças Umutina.

Fig. 04: Crianças Umutina usando o Hakikano e Bodô.



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

2.1 Como é feito o Hakikanô.

Os materiais usados são: as penas, cordas de tucum ou de algodão, tala de broto de buriti ou de taquara, cera ou piche em barra. O Hakikanô pode ser construído batido ou trançado. No sistema trançado é construído um fiador que é pra trançar e bater o trançado para que fique igual o trançado da rede, já apenas trançado vai se fiando e trançando junto com as penas de formas que eles fiquem bem seguras.

Como podemos analisar as mudanças que ocorreu nessas explicações a primeira explicação são como os antepassados Umutina confecciona o Hakikanô, colocado na citação do Schultz (1961, p. 62), como era naquele tempo, por exemplo foi citado as penas de tuiuiú que, hoje em dia é raro e é um pássaro sagrado e não utilizado mais para fazer a

confeção dessa arte. E na segunda explicação como é feita o Hakikanô é a construção já dos presentes Umutina. Visto que a cultura Umutina teve um processo de longo tempo adormecido pelo fato do contato com os neobrasileiros, que houve uma imposição desastrosa em relação a sua cultura, como é bem explicado pela Monzilar (2012, p. 35) que fala dessa situação dos Umutina e dessas imposições daquele tempo.

Analizando os fatos que ocorreram na história dos Umutina, apesar da tragédia lastimável que ocorreu do com a sociedade colonizadora, o povo Umutina conquistou grande avanço, teve avanço e sabedoria estratégia para sobreviver após o processo de contato. Hoje a população vem aumentando, totalizando cerca de 4840 pessoas. Este aumento é significativo para o povo que no passado teve o registro de ter chegado a apenas 23 pessoas.

Nessas imposições foram proibidos de falar sua língua materna, praticar seus rituais que era sagrado para eles. Por muito tempo o conhecimento ancestral se calou perante essas imposições do sistema colonização e mais tarde com o sistema de educação totalmente construído para transformar os Umutina em “índios civilizados”.

E sobre o contato Monzilar (2012, p. 31) continua explicando que:

Após o contato e o convívio com os colonizadores, o povo Umutina passou a assimilar e se socializar na cultura dos não-indígenas. Os indígenas do posto passaram a viver em um regime bastante distinto do cotidiano da maloca e por imposição de um chefe de posto Otaviano Calmon, sob ameaças de castigo, foram proibido de falarem sua língua materna e de realizarem suas festas e rituais.

Embora foram muitas as imposições vividas pelos Umutina não perderam alteridade de erguer novamente, construindo e reconstruindo os conhecimentos ancestrais principalmente trouxeram novamente os valores culturais principalmente os trajes com seus adornos e plumagem transando uma nova história.

Fig. 05: Alunos usando o Hakikano e o Bodô para aprendizagem das danças.



Fonte: Professor Osvaldo (2022).

A crianças todas já preparadas para dança Umutina. São Dezessete danças, umas bastante longas, então são escolhidas as danças a serem praticadas naquela cerimonia para que os estudantes possam aprender os passos de cada uma delas e as músicas e os seus significados.

Fig. 06: Pai de aluno ensinando os alunos a transar a Saia e os Bustiê.



Fonte: Arquivo da escola Julá Paré (2021).

Neste momento as mães preparam os materiais para confeccionar e ensinar as meninas e construir seus próprios vestuários. Esses ensinamentos eram praticados em casa na família, atualmente esses conhecimentos são ensinados na escola. Os anciões, as anciãs e os professores praticam esses saberes na escola, estendendo esses saberes para todos os alunos.

A saia e o bustiê são feitos de cordinhas feitas da seda do tucum ou do algodão elas podem ser trançadas, costuradas ou batida. Para fazer a cordinha do tucum exige um saber muito específico, pois a palmeira tucum é cheia de espinho e não é em qualquer lugar que pode ser encontrada e exige várias técnicas para tirar o broto do tucum e depois tirar a seda que em seguida precisa ser lavada, secada e depois trançadas. Para transar separa cada ceda por ceda e enrola na perna para tornar cordinha e depois estará pronta fazer as vestimentas.

Fig. 07: Estudantes Umutina com seus trajés tradicional.



Fonte: Arquivo da escola Julá Paré. (2020).

Alunos e alunas da escola usando seus trajes.

Os cores das meninas atualmente são feitos de várias sementes de plantas nativas. Mais no passado usavam habitualmente colar de dente principalmente dente de macaco e quati como é citado: “colares de dentes de macaco e coati e outros animais, eram só das mulheres, que os usavam em várias voltas, a pender até abaixo da cintura (...)” (SHULTZ, 1945, p. 126).

Fig. 08: Roça de toco escolar.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Cap. 03. ESTUDANTE DA ESCOLA JULA PARÉ TRABALHANDO EM EQUIPE NA ROÇA ESCOLAR

Neste momento os estudantes aprendem a trabalhar em equipe, é o momento de plantar rama de mandioca, hora de aprender a cortar o tamanho da rama, espaçamento de fazer uma cova de outra, a quantidade de rama para cada cova, como escolher a rama boa. Tudo isso seguindo a regra principal que é a fase da Lua. Para nós Umutina, cada fase da Lua é apropriada para desenvolver algum trabalho é um marcador de tempo essencial para o nosso povo.

Momento de aprendizagem do Ritual de danças para pedir uma boa colheita. E o mais importante é que os estudantes não percam a essência de desenvolver trabalhos em equipe, que já é um costume dos indígenas e a aula que se torna prazerosa para todos os

participantes, seja eles estudantes pais de alunos ou anciões e pais de alunos todos envolvidos em passar e aprender o conhecimento, através da construção da roça de toco tradicional dos Umutina.

ATIVIDADES PROPOSTAS

RESPONDA A ALTERNATIVA CORRETA:

1º- Qual a proposta que o texto apresenta que alunos devem trabalhar?

- A) trabalhar individualmente.
- B) somente os anciões devem trabalhar.
- C) Trabalhar coletivamente.
- D) não seguir os costumes tradicionais.

2 º) Tire do texto as frases importantes que os estudantes devem aprender.

Fig.09: Alunos do ensino Médio e Fundamental a caminho da roça.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Nessa imagem mostra a descontração que os alunos estão indo para a roça e um trabalho e aprendizagem realizado e aprendido com prazer por todos aqueles que participa. Cada um leva suas ferramentas de acordo com suas idades e forças. Uns leva foice os outros, enxada, machado, facão e enxadão na roça têm serviço para todos.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1º) Quais os principais ferramenta usadas pelos estudantes?

2º) Como é escolhida as ferramentas dos alunos para o tralho?

Fig. 11: Em busca de um lugar perfeito para fazer a roça escolar.



Fonte: Pesquisa de Campo. (2019)

3.1. Pesquisando e marcando onde será a roça escolar

Entrando na mata com orientação dos mais velhos buscando o local adequado, o local mais apropriado e onde tem terra preta ou vermelha. Neste local geralmente contém variedade de árvores nativas que crescem muito altas: jatobá, tarumarana, mirindiba, bacaba, raulo, e outras arvores nativas do local. Onde é bom para plantar rama de mandioca, banana, milho, melancia, abóbora e abacaxi. Após encontrar o local, calculamos a medida necessária de acordo com a quantidade de alunos. As roças de toco dos Umutina sempre são no formato quadrado. A pessoa experiente entra na mata no limite da roça a ser feita e vai marcando com foice para que não passe do limite. As medidas são calculadas por passos que equivale aproximadamente de um metro.

É também o momento de preparar os cabos das foices para os alunos. Deve ser escolhido as madeiras certas para encabar as foices e como encabar. Segundo nossos anciões a madeiras apropriadas para encabara a enxada e foice são: laranjeira do mato, guatambu, peroba rosa, persinga, assim os alunos irão aprendendo e trabalhando ao mesmo tempo. Logo após inicia-se a roçada com os alunos e pais de alunos, nisso o ancião mostra as arvores que pode ser roçada. A roçada as vezes, dependendo o tamanho dura um dia, até dois dias, pois os estudantes são aprendiz não pode esforçar muito para não

desanimar. No momento da roçada os estudante e as pessoas que estão participando são devido em uma distância de uns cinco metros um do outro e segue roçando em linha reta, neste momento as pessoas mais experiente alerta sobre os perigos da natureza bem como: cobras, formiga tucaíngaira, novateira, escorpião e as abelhas e marimbondos, Neste trabalho é roçada somente as arvores menores e este serviço é específico dos homens, enquanto as mulheres e as meninas preparam as comidas e bebidas e buscam água para os roçadores.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1º) No texto mostra o tipo de terra adequado para fazer a roça. Cite quais tipos de solo são esses.

2º) Quais árvores que dá indícios que a terra é boa para a construção de uma roça?

3º) Cite quais as madeiras mais usadas para cabos de ferramentas manuais?

Fig.11: Alunos terminando a derrubada.



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Terminando a roçada deixamos as matas roçadas secar ao tempo de um a três dias. Então começamos a derrubada que é o processo de cortar as árvores maiores que as foices não conseguem cortar, dessa forma as arvores são derrubadas através de machados. Onde são usadas técnicas que são passadas para os alunos bem como: fazer barriga na madeira de maneira correta e cortar na costa da madeira para que ela caia com mais facilidade.

Na derrubada são deixadas algumas madeiras que contém os espíritos, bem como jatobá, tarumarana, figueira, ingazeiro. Quando na roça se encontra essas arvores os mais velhos se senta debaixo dela e conta o seu significado e porque não podemos derrubar essas arvores. Pois elas têm vários espíritos: dos bichos do mato, das aves, dos ventos, das chuvas, dos raios, do ar e algumas dela serve de moradia dos donos dos bichos, então não podemos derrubar, temos que deixar, se está arvores morrer é que os bons espíritos foram embora.

Fig.12: Início a queimada da roça escolar.



Fonte: arquivo da escola (2019).

3.2. Preparação para queimada

Quando a roça está pronta para a queimada, e hora de fazer o acero que servirá para que o fogo não ultrapasse o limite da roça, outro momento de trabalho em conjuntos pois neste trabalho participam todos os estudantes os pais, os anciões. Esse acero consiste em roçar ao entorno da roça derrubada. Aproximadamente uns quatro a cinco metro de largura e roçada, enquanto as meninas e os meninos menores vêm atrás fazendo varredura das folhas secas e retirando as madeiras secas que cruzam de um lado para outro do acero, evitando assim que o fogo se espalhe.

Agora é hora de observar para que lado o vento está direcionado, para isso acendemos palitos de fósforo ou jogamos cinzas de madeira queimada ao ar e observar para que lado a cinzas vai. Em seguida iniciar a queimada contra o vento, não a favor do vento pois se tocar o fogo a favor do vento pode se alastrar com tanta intensidade não podendo controlar e passar do acero para a mata adentro. Colocando o fogo contra o vento até que chegue próximo a metade da roça, podendo dessa forma colocar fogo a favor do vento para que se encontre no meio da roça onde os dois focos se termina um eliminando o outro. Neste momento os alunos gritam e assobiam para atraíam mais ventos e que a roça seja bem queimada para o plantio. Os estudantes neste momento todos ficam de prontidão ao redor dá no caso de algum imprevisto de alastramento de focos de incêndio,

pois atualmente o clima está mudado e qualquer descuido pode levantar novos focos de incêndio.

ATIVIDADES PROPOSTA

1º) Depois da roça é necessário um tempo para secar como é marcado esse tempo e quantos tempos leva.

2º) Explique o que é a derrubada?

3º) Quais são as técnicas usadas para derrubar as madeiras mais grossas.

4) Fale sobre a técnica usada par fazer as queimadas da roça de toco?

5) Para que serve o acero? É como é feito?

Fig.13: alunos limpando a roça escolar.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

3.3. Descoivarando a roça escolar

Este processo consiste em cortar os galhos e as sobras das árvores queimadas e fazer fogueiras com estas sobras e queimar novamente e também cortar os tocos das árvores, aqueles que não forem queimados juntar ao redor da roça. Essas queimas de madeira servirão como adubo para as plantas que serão plantadas. É um serviço bastante pesado, pois para isso é usado machado, foice, enxada, facão e enxadão. Enquanto os estudantes cortam as madeiras as estudantes juntam e formam as fogueiras que em seguidas são colocadas o fogo. Para acender o fogo são preparadas tochas com madeiras que se espalham o fogo, como feixe de taquara e de buriti seco.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1º) Damos um nome ao processo de cortar os galhos após a queimada. Qual é esse nome?

2º) Em que servirão os galhos cortados das árvores após a queimadas nas fogueiras?

3º) Quais as técnicas usadas para acender as fogueiras?

3.4. Momento de plantar a roça escolar.

Observando a fase da Lua. Principalmente a fase da Lua cheia então chegou o momento de plantar milho, melancia, abobora, e ao redor da roça plantamos o abacaxi, quando milho estiver maior, plantamos a rama ou maniva de mandioca.

Fig.15: Estudantes aprendendo a cortar rama de mandioca.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Quando os alunos for cortar a rama de mandioca, observa primeiro se as ramas estão boas para o plantio. Ex: corta a rama se ela sair um líquido da rama ela está boa para plantar se não sair essa rama é descartada. O Tamanho também é essencial, para o cálculo usamos a palma da mão. Um palmo ou menos é o suficiente para cortar a rama para plantar, enquanto uns corta outros estudantes observam e assim cada um por sua vez fazem o trabalho e cada estudante querendo fazer melhor que outro um corrigindo o outro. Em seguida quando já estiver uma certa quantidade os estudantes irão plantar, mais antes disso são feitas as covas que feito com enxadas e o espaçamento de um passo mais o cabo da enxada que é segurada na medida certa para que a distância uma da outra seja igual. Colocando as ramas de dois em dois e as mais grossas somente de uma rama.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1º) Existem as fazes da lua, que é apropriada para o plantio. Qual a fase melhor para plantar a rama da mandioca?

2º) Qual a mediada que usamos para medir a rama de mandioca para o plantio?

Fig.15: Estudantes plantando rama de mandioca



Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

Para plantar a semente do milho usamos a técnica das mãos para pegar a quantidade certa de semente para colocar na cova. Pega as sementes com os três dedos que sempre irá pegar a quantidade necessária para plantar, se aumentar a quantidade de dedos aumentará a quantidade de semente. Para melancia e abobora é plantada três sementes. As mudas de banana são preparadas uma técnica que são feitas para que a muda cresça sem pragas, corta o broto da muda e tira a parte de cima do broto até ela fica branca. Na parte da raiz a parte que se encontra com algum indício de pragas é retirada, aí está pronta para plantar. Depois que a roça é plantada com mudas de bananas, rama de mandioca, sementes de melancia, abobora e abacaxi, é cuidar para que a roça não fique suja e tomar cuidado com os bichos que se alimenta desses produtos. Nos últimos anos aumentou bastante a quantidade de animais, principalmente, os macacos e os caititu ou catete, então todo cuidado é necessário pois em uma noite ou um dia eles podem destruir as plantações que são trabalhos de vários meses.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1º) Qual a técnica que o povo Umutina Balatiponé usa para fazer o plantio de milho?

2º) Explique como é feito o preparo da muda da banana para o plantio.

Fig. 16: roça escolar com os produtos crescendo.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Quando as plantas estão crescendo exige total cuidado, é necessário que vá todos os dias verificar como estão as plantas, pois ultimamente os aparecimentos de pragas de insetos, bichos e passarinho aumentaram bastante, acredito que devido as mudanças que o meio ambiente vem sofrendo ao longo do tempo. Não é necessário que todos os alunos vão todos os dias mais ao menos dois três ou quatro, a não ser que se realize alguns

trabalhos de campo na roça escolar. Essa visita é fundamental para avaliar como estão o desenvolvimento das plantas se a caso de pragas, tomar as devidas providências. Nos anos anteriores aparecem casos de muitas larvas nas roças da aldeia, que aqui é conhecida como “coró”.

Uns diziam que eram filhotes de borboletas mais nada comprovada, o fato é que após as larvas sumiram apareceram milhares de borboletas que a muito tempo tinha desaparecidos. Nessa fase mais é cuidado com as plantações e principalmente a limpeza que precisa ser feita todo final de semana. Esse processo acontece até a as plantações atingir o ponto certo da colheita. A colheita do milho verde e da melancia é mais rápido, principalmente a colheita do milho verde que serve de variedade de alimentos para o povo Umutina, e é feita a bebida mais importante a Julurukua “xixá”, que é feita e oferecida aos espírito como forma de agradecimento.

ATIVIDADES PROPOSTA

1º) O que é fundamental para que as plantações tenham um bom desenvolvimento?

2º) Quais as plantações que desenvolvem mais rápido e estará pronta para colheita?

Fg.17: Estudantes fazendo a colheita do milho verde.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Para os estudantes é muito prazerosa fazer a colheita do milho verde. Muitos alunos levam para a escola, porém levam para casa também. Momento de descontração, alegria ver o resultado de muito trabalho, desta maneira os alunos aprendem brincando, atento a tudo que se passa na construção de uma roça de toco valorizando os alimentos pois sabem o trabalho difícil para construir uma roça, no entanto na colheita sempre é uma alegria para todos, estudantes professores, pais de alunos, anciões e toda a comunidade. Chegando na escola a merendeira cozinham o milho verde, servindo como merenda e também fazem xixá. As vezes os alunos ralam os milhos para fazer bolos.

Na colheita de mandioca, ou melhor tirar a mandioca para ralar, fazer o preparo da massa, retirar o polvilho, fazer o beiju “jukuputu “. Os estudantes aprendem a técnica de tirar a raiz da mandioca da terra, pois a uma técnica que facilita esse processo que consiste em exercer a força de um lado sem quebrar a raiz depois de outro lado até que a raiz cede sem quebrar, as vezes algumas raízes quebram e são retirada com facão ou cavadeira.

Fig. 18: Professor ensinando os alunos a tirar a raiz da mandioca.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

3.5. Aprendendo a tirar a raiz da mandioca

Na colheita de mandioca, ou melhor tirar a mandioca para ralar, fazer o preparo da massa, retirar o polvilho, fazer o beiju “jukuputu “. Os estudantes aprendem a técnica de tirar a raiz da mandioca da terra, pois a uma técnica que facilita esse processo que consiste em exercer a força de um lado sem quebrar a raiz depois de outro lado até que a raiz cede sem quebrar, as vezes algumas raízes quebram e são retirada com facão ou cavadeira. Chegando na escola a mandioca e cascada com pequenas facas, em seguida, lavada e depois ralada.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1º) Explique como devemos proceder para que a raiz da mandioca não de quebre ao ser tirada?

2º) Quais os produtos retirados da raiz da mandioca?

Fig.19: professor ensinando a ralar a mandioca no ralador manual.



Fonte: Professor Osvaldo C.M. (2022).

Essa técnica é bastante antiga e exige muito cuidado, pois quando a mandioca está seca, quebra com facilidade, podendo cortar ou ralar os dedos e as mãos. São raladores construído manualmente, feito com um lado de latão, daqueles usados para colocar tinta, corta o seu lado com um facão e em seguida é furada com pregos e em seguida é pregada em suporte de tabua e então está pronto. O ralador serve para ralar mandioca, milho e mamão para fazer doce.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1º) De que material é feito o ralador manual? E quais produtos podem ser ralado?

2º) Quais os cuidados que devemos ter ao fazer uso do ralador manual?

Fig. 20: Alunos vindo da roça após a colheita.



Fonte: Pesquisa de campo (2020).

A imagem fala por si, a alegria de trabalhar e aprender em conjunto e ver os produtos naturais que já colhidos e pronto para preparar e servir como merenda. Os resultados são valores, experiência adquirido ao longo desse processo mostrando que os saberes Umutina que era passado e repassado na família, hoje pode se dizer que esses experiência, valores e sabres pode ser aprendido dentro do ambiente escolar.

APRESENTAÇÃO DE OUTRAS ATIVIDADES PROPOSTAS.

As questões iniciais foram preparadas para que os estudantes possam refletir e discutir acionando seus pensamentos de inícios e apresentando- os caminhando do concreto para o abstrato. É muito importante que eles tenham segurança e voz ativa ao falar nas aulas, no entanto os professores devem estar atento para mediar no processo participativo e observar pontos que poderão ou deverão ser trabalhado em outras aulas. As questões propostas terão resposta pessoal de acordo com aprendizagem de cada aluno e suas colocações nas palavras, o que envolverá debate.

ATIVIDADES.

1º - Em sua opinião, quanto tempo leva para que local onde foi feita a roça de toco leva para recuperar totalmente?

2º - Você acha importante, a forma que o povo Umutina Balatiponé maneja a terra para fazer a roça de toco? Justifique sua resposta.

3º - Como a sociedade Umutina Balatiponé deve se organizar para produzir coletivamente através da roça Tradicional de toco.

5º - Investigue qual é a melhor fase d a Lua para plantar mandioca.

6º - Você acha que a roça de Toco contribuí apenas para ter alimento de qualidade e para preservar a natureza?

7º - Pesquise se responde: Como é chamada na Agroecologia a forma de roça que os Umutina Balatiponé praticam?

8º - Observe a região onde você mora, segundo depoimento dos anciões, qual os locais ideais para construir as roças de toco?

9º - Observe a movimentação da fase da Lua e pesquise: no conhecimento Umutina Balatiponé, qual semente apropriada para plantar em cada fase da Lua?

10º - Explique o processo que você aprendeu para construir uma roça de toco Umutina Balatiponé?

11º - Registre em seu caderno desde os primeiros passos para construção de uma roça. Pode ser através de desenhos.

12º - Pesquise sobre as roças tradicionais dos Umutina Balatiponé e quais os produtos que plantavam antes dos contatos.

13º - Quais são os produtos introduzido na cultura a partir do Umutina Balatiponé com os não índios.

14º - Faça uma pesquisa em dupla com os professores Umutina Balatiponé, explicando qual a importância dos mitos da origem alimentos para os estudantes. Depois desenhe a história em quadrinhos.

15º - Observando as variedades de árvores que temos em nosso, faça uma relação das árvores que você conhece e para que serve.

16º - Quais as danças e músicas que os povos Umutina Balatiponé dança e canta quando pede permissão?

17º - Quais os materiais usados para confeccionar os adornos Bodô e Hakikano?

18º - Faça um lindo mapa do nosso território. Criar legenda representando cada aldeia.

19º - No caderno faça uma representação esquematizada das fases da Lua.

2º - Dois anos aqui em nosso território tivemos vários focos de incêndio, escassez da chuva por esse fato não podemos fazer a roça. Oque poderia ser feito para evitar esses fatores?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este produto pedagógico é resultado de relatos contados pelo povo da comunidade e servirá de apoio pedagógico ao trabalho junto à comunidade escolar para o fortalecimento da cultura do Povo Julá Pará (Umutina). Entende-se que a cultura seja repassada para os estudantes, tornando protagonistas da sua história e da valorização cultural, através da roça tradicional escolar.

O povo Umutina tem a tradição de passar o conhecimento em casas e em todo o território a aprendizagem se dá em todos os locais em um ambiente maior. E a escola de certa forma tirou esse tempo de aprendizagem as crianças indígenas e, assim essa pesquisa mostra que os saberes dos ancestrais, através da roça tradicional se mantem fortalecida e mostra também que é possível introduzir os saberes tradicionais do povo Umutina na escola Julá Pará, garantindo o direito dos saberes indígena, ressinificando os saberes milenares dos antepassados tornando uma escola diferenciada, proporcionando resultados positivos.

Através dessa pesquisa podemos analisar que é possível trabalhar junto o conhecimento científico e os saberes tradicionais indígena, construindo uma ponte de saberes para melhor desenvolvimento da produção da roça e para que os estudantes e a comunidade valorizem e reconheçam da riqueza desses saberes tradicionais que faz parte da cultura, bem como o conhecimento científico que faz parte da sociedade envolvente. Buscando fortalecer o conhecimento do povo Umutina, da comunidade escolar ao se protagonizar os saberes dos nossos ancestrais e buscar novas alternativas e mantendo sustentável o território Umutina.

É importante destacar que os saberes da roça tradicional dos Umutina, atualmente é um espaço de troca de saberes que implicam sempre o respeito ao outro, com a natureza e mantendo sempre o seu equilíbrio.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

MONZILAR, Eliane Boroponepá. **Território Umutina**: vivência e sustentabilidade. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília Centro de Desenvolvimento Sustentável. Brasília – DF, dezembro de 2012.

SHULTZ, Harold. Informações Etnográfica sobre os Umutina. Revista do Museu Paulista. Nova Série Volume XIII. São Paulo 1961/62.

MONZILAR, Osvaldo Corezomaé e COREZOMAE, Geniele dos Reis. **Roça escolar tradicional do povo Umutina**. Terra como como princípio educativo. OIKOS. São Leopoldo, 2022.

MONZILAR, Osvaldo Corezomaé. **Organização política dos caciques da aldeia Umutina**. Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização em Educação Escolar Indígena. Barra do Bugres – MT 2011.

CRAHÔ. Dodanin Piikem e CRAHÔ Miguelito Cowkré. **Preparando a nossa roça**. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. Brasília, DF, 2010.